

EVANGELA MARIA DE CARVALHO

**FUNCIONAMENTOS DISCURSIVOS NO ENSINO DE
NOVAS TECNOLOGIAS DE LINGUAGEM
EM REGIÃO RURAL.**

POUSO ALEGRE, MG,

2015

EVANGELA MARIA DE CARVALHO

**FUNCIONAMENTOS DISCURSIVOS NO ENSINO DE
NOVAS TECNOLOGIAS DE LINGUAGEM
EM REGIÃO RURAL.**

Dissertação de Mestrado apresentado à
Universidade do Vale do Sapucaí, como
requisito parcial para obtenção de título de
Mestre em Ciências da Linguagem, área de
concentração: Linguagem e Sociedade.
Linha de Pesquisa: Língua e Ensino.

Orientador: PROF^a. DR^a. MARIA ONICE PAYER.

POUSO ALEGRE, MG,

2015

Carvalho, Evangelina Maria de.

Funcionamentos discursivos no ensino de novas tecnologias em região rural / Evangelina Maria de Carvalho. Pouso Alegre: Univás, 2015. 98f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade do Vale do Sapucaí, Curso de Mestrado em Ciências da Linguagem – Língua e Ensino. 2015.

Orientadora: Maria Onice Payer

Descritores: 1. Análise do Discurso. 2. Ensino Rural. 3. Sentidos de Rural e Urbano no contexto da Fazenda Sertãozinho. 4. Informática na Educação.

CDD 410.1

CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

TÍTULO: *FUNCIONAMENTOS DISCURSIVOS NO ENSINO DE NOVAS TECNOLOGIAS EM REGIÃO RURAL.*

ALUNA: *EVANGELA MARIA DE CARVALHO*

ORIENTADORA: *PROF^a. DR^a MARIA ONICE PAYER*

Aprovada pela comissão Examinadora

Prof^a. Dr^a. Telma Domingues da Silva

Prof^a. Dr^a. Fabiane Jesus

Prof^a. Dr^a. Joelma Pereira de Faria

Qual é o caminho certo da gente? **Nem** para a frente **nem** para trás: só para cima. Ou parar curto quieto. Feito os bichos fazem. Os bichos estão só é muito esperando? Mas, quem é que sabe como? Viver... O senhor já sabe: viver é etcétera.

João Guimarães Rosa

Rede é uma porção de buracos, amarrados com barbante.

João Guimarães Rosa

"As coisas assim a gente não perde **nem** abarca. Cabem é no brilho da noite. Aragem do sagrado. Absolutas estrelas".

João Guimarães Rosa

Dedico este trabalho a todos que estiveram envolvidos,
seja por sua ruralidade ou não,
seja por seu tempo gasto ou cedido
a esta pesquisa.

Agradecimentos

Mais um objetivo alcançado. Milagres são momentos que acontecem na vida e que sabemos que por diversos motivos eram impossíveis de ocorrer. E como o impossível é apenas uma das especialidades do Mestre, posso afirmar que a fé e a perseverança venceram.

Agradeço primeiramente a Deus por me permitir o milagre da cura, mediante uma doença grave me permitiu o reestabelecimento e forças para continuar esse trabalho. Dou-Lhe graças e Louvores a todo momento. Agradeço a minha mãe do céu, aos anjos e santos a que recorremos nos diversos momentos. Nas horas difíceis lhes solicitei intermédio, e agora mediante as graças alcançadas só tenho agradecer e cumprir o que me compete.

Aos meus pais, meus irmãos, minha filha, sobrinhos e amigos, que sempre souberam entender minha ausência, meus isolamentos, meu cantinho de leitura e escrita, minha extravagância e exagero com os livros, meu eterno, carinhoso e sincero 'obrigada'!

Aos professores do Mestrado, em especial minha Orientadora, responsável por eu estar aqui hoje propondo terminar este curso, por confiar em mim, respeitar minhas limitações, instigar meus pensamentos e me cobrar com tanto carinho e a severidade necessária para que esse resultado acontecesse. Que o Pai do Céu lhe retribua cada segundo, cada palavra, cada orientação com bênçãos, realizações e tudo o que Ele, só Ele sabe sobre suas necessidades.

À Univás, seus funcionários, professores, coordenadores e em especial a Eni Orlandi, criatura singular, meu eterno respeito, gratidão e admiração.

Aos meus alunos da Fazenda Sertãozinho, pois trouxe muito mais do que levei.

RESUMO

A presente pesquisa tem como base conceitual a análise de discurso de linha francesa e focaliza como objeto de investigação a relação entre sujeito e sentidos no ensino-aprendizagem de tecnologia digital em região rural. A pesquisa foi desenvolvida na Escola Pedro Roza de Informática da Fazenda Sertãozinho, em Botelhos, MG, em um contexto onde os sentidos de rural, não rural, urbano são recorrentes. A metodologia da pesquisa é a da análise de discurso, e articula o ensino e a pesquisa, por meio de um processo de criação e desenvolvimento de atividades, pelo sujeito professor, em aulas de informática para sujeitos que cursam o Ensino Fundamental. São analisados materiais de linguagem tomados de um *corpus* experimental de pesquisa montado no processo da pesquisa, e que incidem tematicamente nas relações de sentido entre o rural, o urbano e as tecnologias. Ao longo do processo da pesquisa foi perceptível o deslocamento da posição de sujeito professor, idealizador do ensino, para a de pesquisador, autor desta dissertação, na medida em que se propôs no trabalho a dar movimento ao modo de (re)elaborar materiais para as atividades, e de levar os alunos a se relacionarem com o objeto de conhecimento, de um modo que não desconecta a materialidade das tecnologias digitais dos discursos em que se inscrevem os sujeitos. O ensino-aprendizagem de tecnologia não se torna um fim em si mesmo, mas articula-se questões do contexto social. As análises indicaram que se o imaginário sobre o rural que apresenta a sujeitos na região rural, e não só urbana, por outro lado o funcionamento dos sentidos de rural é mais diverso do que se imagina. Com atenção a esse imaginário, e contando com os recursos das tecnologias digitais neste específico ensino, a pesquisa se estruturou e desenvolveu de modo a buscar formas de, ao analisá-lo, reconduzir o ensino, enlaçando as atividades feitas com as subseqüentes, a fim de propiciar aos sujeitos o trabalho e a formulação dos sentidos, confrontando o imaginário fixado sobre o rural e deixando aparecer a multiplicidade de sentidos que o envolvem no contexto de uma fazenda.

Palavras chave: Análise de discurso, Tecnologia Digital, Educação, Ensino-aprendizagem, Rural e urbano.

ABSTRACT

This research has the conceptual basis the French line of discourse analysis and focuses as a research object the relationship between subject and senses in the learning of digital technology in rural area. The research was developed at the School of Informatics, Pedro Roza Farm Sertãozinho in Botelhos, MG, in a context where the rural way, not rural, urban recur. The research methodology is that of discourse analysis, and articulates teaching and research, through a process of creation and development of activities by the subject teacher, computer classes for subjects who attend the elementary school. Language materials are analyzed taken from a research experimental corpus mounted in the research process, and that focus thematically on the relations of meaning between rural, urban and technologies. Throughout the research process was noticeable displacement of the subject teacher position, teaching creator, for the researcher, author of this thesis, as it set at work to give movement the way to create materials for activities, and lead students to relate to the object of knowledge, in a way that does not disconnect the materiality of the new technologies of speeches in which they enroll subjects. The teaching-learning technology does not become an end in itself, but articulates the issues social context. The analyzes indicated that, on the one hand, the imagery of the rural also presents the subject in the countryside, not just urban, on the other hand the operation of rural senses is more diverse than you might think. With attention to this imaginary, and provided with the resources of the new technologies in this particular teaching, research was structured and developed in order to look for ways to, to analyze it, extend education, linking the activities done with the subsequent in order to provide the subjects work and the formulation of the senses, confronting the imaginary fixed on rural and letting you see the multiplicity of meanings that involve it in the context of a farm.

Keywords: Discourse Analysis, digital technology, Education, Learning, teaching-learning, Rural and urban.

Lista de Mapas e Figuras

| | |
|--|----|
| Fig1. Mapa de Botelhos..... | 39 |
| Fig2. Via Satélite da Fazenda Sertãozinho | 40 |
| Fig3. Atividade Zona Rural e Zona Urbana..... | 49 |
| Fig4. Site Zona Rural e Zona Urbana..... | 51 |
| Fig5. Casas da Colônia da Fazenda Sertãozinho..... | 55 |
| Fig6. Atividade 1 Ônibus..... | 60 |
| Fig7. Atividade 2 Ônibus..... | 61 |
| Fig8. Atividade 3 Ônibus..... | 62 |
| Fig9. Atividade 4 Ônibus..... | 63 |
| Fig10. Atividade 5 Ônibus..... | 64 |
| Fig11. Atividade 6 Ônibus..... | 65 |
| Fig12. Atividade 7 Ônibus..... | 66 |
| Fig13. Atividade 8 Ônibus..... | 67 |
| Fig14. Atividade 1 Colcha de Retalhos..... | 78 |
| Fig15. Atividade 2 Colcha de Retalhos..... | 79 |
| Fig16. Atividade 3 Colcha de Retalhos..... | 80 |
| Fig17. Atividade 4 Colcha de Retalhos..... | 81 |
| Fig18. Atividade 5 Colcha de Retalhos..... | 82 |

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| INTRODUÇÃO | 09 |
| 1. CAPÍTULO I: PRESSUPOSTOS TEÓRICOS..... | 15 |
| 1.1. Conceitos Fundamentais da Análise de Discurso..... | 15 |
| 1.2. Considerações Sobre Ensino-Aprendizagem e Tecnologias Digitais..... | 24 |
| 2. CAPITULO II: METODOLOGIA DE PESQUISA E AS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DO ENSINO DE INFORMATICA..... | 30 |
| 2.1. Aproximação do Ensino na Informática..... | 30 |
| 2.2. Sobre Métodos e Aulas | 30 |
| 2.3. Banco de Atividades | 33 |
| 2.4. A Fazenda Sertãozinho e a Escola de Informática | 39 |
| 3. CAPITULO III: ANÁLISES DISCURSIVAS DOS PROCESSOS NO ENSINO-APRENDIZAGEM | 43 |
| 3.1. Atividade Sobre Zona Rural e Zona Urbana | 49 |
| 3.2. Atividade Sobre o Ônibus Escolar..... | 58 |
| 3.3. Atividade da Colcha de Retalhos | 75 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 88 |
| BIBLIOGRAFIA..... | 90 |

Introdução

A presente pesquisa tem como objeto de investigação o ensino de novas tecnologias de linguagem a alunos do Ensino Fundamental em ambiente rural. Busca-se compreender como os sentidos de rural funcionam neste contexto, na relação dos sujeitos aprendizes com a informática, considerando-se como o professor pode (ou não) interferir nesses sentidos, relacionando o ensino-aprendizagem dessas novas tecnologias ao contexto social em que ele se insere.

Como idealizadora de materiais de ensino de informática para crianças e como professora da escola de informática tanto na Escola da Fazenda, em que se realizou essa pesquisa, quanto em escolas urbanas, o interesse é compreender o funcionamento do discurso neste contexto, conhecendo o ensino de informática para crianças em ambos os contextos.

A escola em que se ambientou a pesquisa faz parte do projeto social da Fazenda Sertãozinho, em Botelhos, Minas Gerais, e como tal apresenta condições de produção muito particulares. A Fazenda Sertãozinho pertence ao presidente das Organizações Globo, e está situada em uma região montanhosa no sul de Minas Gerais, no município de Botelhos, com condições geográficas e climáticas ideais para o cultivo da lavoura de café, que é ali realizado como atividade econômica predominante.

Esta fazenda criou uma escola de informática com o objetivo de proporcionar aos funcionários e a seus filhos inclusão digital e conhecimento de aplicativos, além de reforço escolar.

Com uma média de oitenta crianças de idade entre quatro e quatorze anos, cujo interesse girava em torno de jogos de ação, aventura e outros, e menos de digitação e aplicativos, a administração da fazenda, preocupada em não manter uma escola de informática apenas como recreação (e ainda, por não conseguir manter o interesse dos alunos por um tempo maior trabalhando apenas com aplicativos como *Word*, *Excel*, *PowerPoint* e *Paint*) decidiu recorrer

a uma mão de obra especializada para dar suporte e planejamento a atividades que viessem atender a esses objetivos.

Com o intuito de oferecer um material didático especializado aos alunos, que permitisse seu desenvolvimento na utilização dos aplicativos com uma aprendizagem significativa e que viesse a servir também de reforço ao conteúdo da escola regular, os administradores optaram por contratar um profissional desta área de atuação, para desenvolver atividades com esses sujeitos alunos, considerando a faixa etária e o conhecimento prévio desse público.

Com essa finalidade fui contratada na escola, no ano de 2008, como orientadora pedagógica, tendo como atividade principal a elaboração do material didático para as aulas de informática. E acrescento que, por entender que seria importante, quis fazer parte também do quadro de professores para entrar em um *feedback* mais efetivo com a escola.

O material elaborado para essas atividades, bem com sua “aplicação” para as crianças, no período de 2008 a 2012, foi analisado na presente pesquisa, na perspectiva da teoria do discurso. Foram recortadas, para essa análise, algumas situações e atividades que, no momento em que foram trabalhadas com os sujeitos alunos, tiveram resultados interessantes do ponto de vista dos processos de significação, trazendo diversos sentidos, com diferentes interpretações ou diferentes posicionamentos dos sujeitos, envolvendo o tema das relações entre o campo e a cidade, o rural e o urbano, e a diversidade de sentidos sobre o rural no ambiente mesmo da fazenda, bem como o tema das relações entre estes ambientes e as tecnologias de linguagens. Essas situações e atividades analisadas consistem de atividades técnicas, envolvendo os aplicativos a serem aprendidos, e do trabalho intelectual dos sujeitos alunos e professor, sobre temas como profissões, trabalho, alimentação, tradições, costumes, folclore e contos (orais), que trazem elementos discursivos interessantes para a compreensão do ensino de informática no contexto de regiões rurais.

Sendo natural da cidade de Botelhos, MG, meu pai era sitiante, e cresci e me formei na zona rural. Aos sete anos de idade tive a experiência da

necessidade de deslocamento para a zona urbana, para ter acesso aos estudos. Entrei em relação com um universo de saber muito distinto do meu, fator esse que não me permitiu um sentimento de pertença, e sim colocava a necessidade de adaptação, de me tornar uniforme para não ser percebida ou constrangida. Os sentimentos vividos naquela experiência foram os mais variados, envolvendo inquietações diversas e percepção constante de vozes diferentes da minha. Condição que tornaria possível mais tarde, acompanhar atentamente o processo de produção de sentidos dos sujeitos nesse contexto.

Aos dezoito anos mudei para outra cidade, Alfenas, uma cidade universitária, onde me graduei em Ciência da Computação, especializei-me em Informática na Educação, e onde ao ministrar disciplinas em curso de Pedagogia identifiquei-me com esse universo. Fiz outro curso e me tornei uma pedagoga, apaixonada por *softwares* educativos e por criar atividades diversificadas para aulas de informática educativa.

Assim, quando, por essas tendências, fui convidada para trabalhar na escola da fazenda Sertãozinho, apresentei um projeto de trabalho com informática que unia conhecimentos sobre aplicativos *Word, Paint, PowerPoint, Excel e Internet*, *softwares* educativos, com atividades que envolviam lógica, atenção, raciocínio, leitura e escrita, de caráter interdisciplinar, trabalhando português, matemática, geografia, ciências, ética, boas maneiras, entre outros. As atividades consideravam a faixa etária de cada turma. Contavam ainda com uma parte artística, como colagem, pintura, recortes, entre outras atividades que poderiam ou não envolver o computador.

Esse projeto foi aprovado pela escola da Fazenda Sertãozinho, e então fiquei diante de uma oportunidade ímpar de trabalhar com tecnologias de linguagem com crianças do meio rural e que estudam na cidade. É parte deste trabalho que analisaremos nesta pesquisa.

Não havia a pretensão de urbanizar o ensino rural, com o uso somente de novas tecnologias na Escola Pedro Roza de Informática nessa Fazenda, nem de ruralizar a educação tecnológica, fazendo que esta servisse estritamente ao meio rural, mas sim procurando criar oportunidades de um reforço aos conteúdos

escolares e ao mesmo tempo domínios dessas tecnologias. O fato de realizar este projeto de pesquisa de mestrado nessa escola foi mais um forte aliado ao ensino convencional, caminhando lado a lado, dialeticamente, os resultados das atividades preparadas para os alunos e os elementos de análises resultantes desta pesquisa, que de algum modo foram contribuindo para reencaminhar o processo no contexto da escola.

Nessa medida o projeto de trabalho na fazenda passou a contracenar com os estudos e conceitos apreendidos durante o Mestrado em Ciências da Linguagem. E o que era o meu porto seguro (as evidências de sentido), passou a ser ponto de partida e observação para outras atividades, bem como da análise discursiva que fomos tecendo. Os estudos em Análise de Discurso me levaram a (re)pensar os significados, como o imaginário de rural funciona dentro do ambiente da Fazenda Sertãozinho. Passo agora, ao final desta pesquisa, a perceber que além do meu anseio em destacar e trabalhar os “preconceitos” que existem em relação ao rural, tendo a ter uma escuta mais refinada, alerta, a ter um outro olhar para outros modos de compreender a produção desses preconceitos no meio social.

Nesse processo, em meio às atividades com as crianças, misturada às análises discursivas, foi se dando a minha própria construção de sentidos como sujeito professor, e passei a notar que já não estava ali somente para transmitir, como professora, mas também para observar, registrar, com olhar de pesquisadora, de analista, posição que agora ia se formando nessa escuta diferenciada, como compreendida pelo dizer de Orlandi (2009:59), “*em um ouvir maior para lá de evidenciar e compreender, acolhendo a opacidade da linguagem, a determinação dos sentidos pela história*”. Tornou-se assim imprescindível para mim adentrar nos estudos e na discussão da Teoria da Análise de Discurso, seja como professora, seja com pesquisadora, para melhor trabalhar e compreender o ensino de informática no contexto chamado “rural”.

No trabalho com as crianças da fazenda, diversas situações envolvendo um certo imaginário sobre o rural se apresentaram no desenvolvimento das atividades. Atenta aos sentidos ali em circulação, procuramos considerar as tensões rural/urbano no planejamento das atividades seguintes, levando assim

os alunos a trabalharem melhor no sentido de confrontar esse imaginário. Descreveremos mais nitidamente esse trabalho no capítulo destinado às análises.

Desse modo a pergunta que nos conduziu nesta pesquisa foi como essa tensão está presente na específica escola – a escola de Informática da Fazenda Sertãozinho – e como ela pode ser levada em consideração pelo professor?

A resposta, adiantaremos aqui, inclui a preparação dos materiais que servem de base para o ensino-aprendizagem com a atenção voltada para as especificidades dos discursos que constituem os alunos nesse contexto.

A realização desta pesquisa tem, portanto, o propósito de analisar os sentidos que funcionaram no desenvolvimento dessas atividades, incluindo o modo como ali se produziram, utilizando os recursos tecnológicos na educação, no ensino rural, sendo que para a preparação e desenvolvimento dessas atividades foi mobilizada a teoria da Análise de Discurso (daqui por diante AD), a qual norteia também toda a pesquisa, servindo de base, assim, para a montagem de um *corpus* experimental de materiais, e a sua análise. A finalidade é observar a relação entre os diferentes discursos, os conflitos de sentido e a luta para legitimar esses diferentes sentidos pelos sujeitos que os dizem, no que diz respeito à relação entre o rural, o urbano e as novas tecnologias de linguagem.

Com as palavras de Orlandi (1990, p.12) “compreendemos que o sentido pode ser outro”, diferente daquele que parece ser o único correto, e sendo assim, de acordo com a AD, nenhum texto, mesmo sendo uma única palavra, uma imagem ou um som, possui apenas um sentido, e é a produção de um complexo desses sentidos em torno das atividades propostas que busco analisar nesta pesquisa.

A elaboração dos sentidos não surge do nada, de um vazio, ou do próprio sujeito. A partir da AD, compreendemos que o sujeito vai construindo seu dizer com base no imaginário no interior do qual se identifica, de modo que o conhecimento por ele adquirido se relaciona aos processos que vão da identificação à construção, sempre móvel, da identidade.

Foi necessário, para o desenvolvimento deste trabalho, estudar detidamente noções da AD que se relacionam à temática e aos objetivos dessa pesquisa. Mobilizo nas análises noções como as de discurso, condições de produção, memória, interdiscurso, práticas discursivas, relação entre rural e urbano, entre outras, compreendidos à luz da Análise de Discurso. Esse referencial teórico será apresentado adiante.

Assim, esta dissertação se apresenta em três capítulos, que estão organizados do seguinte modo: no primeiro capítulo exponho os pressupostos teóricos da pesquisa. No segundo capítulo explicito a metodologia da pesquisa, a montagem do corpus, descrevendo as condições de produção do ensino de informática no contexto da Fazenda Sertãozinho e a sua Escola de Informática. No terceiro capítulo apresento as atividades de ensino elaboradas a partir dos conceitos estudados e analiso o processo de seu desenvolvimento junto às crianças. A estas partes se seguem as nossas observações elaboradas em algumas considerações que encerram o texto.

CAPÍTULO I: PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

1.1 Conceitos Fundamentais da Análise de Discurso.

Objetivando compreender teoricamente o tema proposto, o funcionamento de novas tecnologias no ensino, em ambiente rural, torna-se necessário apresentar o referencial teórico que fundamenta a pesquisa relativa a sentidos que emergem no ensino de novas tecnologias em sua inserção na educação no contexto “rural”. Com esse objetivo, adentramos ao estudo da Análise de Discurso, aos seus conceitos fundamentais, tais como língua, sujeito, sentido, discurso, memória discursiva, interdiscurso, condições de produção, entre outros, à luz dos trabalhos de M. Pêcheux, E. Orlandi, B. S. C., Mariani, C.C. Pfeiffer, M. O. Payer, T. D. Silva, M. Santos, S. Abreu e C. Dias, entre outros. Também consideramos, sobre a parte do ensino, trabalhos de D. P. Ausubel e de A.L. B. Smolka que dialoga com os estudos do discurso, dentre alguns outros autores cujos textos estudamos.

A teoria da análise de discurso surge no final dos anos 60, na França, tendo como fundador Michel Pêcheux, pesquisador da *Escola Normal Superior de Paris* (ENS), e um grupo de outros pesquisadores (P. Henry, F. Gadet, F. Mazière são alguns deles) cujos estudos estão embasados na corrente filosófica marxista, na Linguística e na Psicanálise. Essa teoria propõe o discurso como objeto de análise e ressalta que esse elemento é diferente da língua e da fala, como apareceram em Saussure, fundador da Linguística, para quem a fala é social, mas acessória, e a língua é um sistema de elementos que se interrelacionam e se sustentam por pares estruturais de elementos.

Desta forma, a Análise de Discurso não trata da língua, não trata da fala e nem da gramática, embora todas essas noções lhe interessem. Ela trata do discurso. E de acordo com Orlandi (2001), o sentido etimológico da palavra discurso vem da ideia de curso, de movimento. Ao estabelecer o discurso como objeto de conhecimento próprio, a AD se diferencia da análise de conteúdo, muito utilizada nas ciências humanas com objetivo de desvelar o que está oculto

no texto, ou seja, o conteúdo do texto, numa concepção transparente da linguagem.

Diferentemente da análise de conteúdo, a Análise de Discurso considera que a linguagem não é transparente. Desse modo ela não procura atravessar o texto para encontrar um sentido do outro lado. A questão que ela coloca é: como este texto significa? (ORLANDI, 2012, p. 17).

Assim, nem os sujeitos nem os sentidos estão fixados e completos. Segundo Orlandi (2012, p. 53), ao dizer, “*o sujeito significa em condições determinadas, impelido, de um lado, pela língua e, de outro, pelo mundo, pela sua experiência, por fatos que reclamam sentidos, e também por sua formação discursiva*”. Segundo a autora, “o discurso em AD é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando”, (ORLANDI, 2009, p.15). Ainda segundo a autora, a AD procura compreender a língua fazendo sentido enquanto trabalho social, constitutivo e sócio-histórico e determinado pelas suas condições de produção (idem, p.15).

Essas condições de produção compreendem, pois, os sujeitos, a situação e a memória. Segundo Orlandi (2009, p.31), a memória por sua vez tem suas características quando pensada em relação ao discurso, quando é tratada como interdiscurso. Este é definido como aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente. É chamada de memória discursiva: o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra. O interdiscurso disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada

A Análise de Discurso investiga como a ideologia se manifesta na linguagem, uma vez que a “materialidade específica da ideologia é o discurso e a materialidade específica do discurso é a língua. Trabalha assim a relação língua-discurso-ideologia” (Orlandi, 2009, p. 17).

O sujeito de linguagem resulta tanto da língua como da história, pois não existe a possibilidade de compreender o sujeito com as características isoladamente. Orlandi argumenta que:

O sujeito de linguagem é descentrado pois é afetado pelo real da língua e também pelo real da história, não tendo o controle sobre o modo como elas o afetam. Isso redundaria em dizer que o sujeito discursivo funciona pelo inconsciente e pela ideologia. (Orlandi, 2009, p. 20).

Pêcheux utilizou-se, como base para suas teorias, entre outros, dos estudos de Althusser e Lacan. E foi a partir da leitura de Althusser que Pêcheux pensou a questão da ideologia, de que “não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia”. (Pêcheux, 1997, p. 149)

Desse modo, o sujeito é interpelado pela ideologia, de tal modo que embora passível de resistência, possuía apenas a ilusão de autonomia na formulação de seus discursos, pois estes são decorrentes de um processo anterior de identificação (ou não) com uma formação discursiva que o domina. (Pêcheux, 1997, p. 149)

Orlandi traz o conceito de ideologia na perspectiva do discurso:

Há uma injunção à interpretação, já que o homem, na sua relação com a realidade natural e social, não pode não significar; condenado a significar; essa interpretação não é qualquer uma, pois é sempre regida por condições de produção de sentidos específicos e determinados na história da sociedade. O processo ideológico, no discursivo, está justamente nessa injunção a uma interpretação que se apresenta com uma interpretação. Esse é um dos princípios básicos da ideologia apreendido pelo discurso. (1990, p. 36)

Segundo Orlandi (2009, p.30), os dizeres são efeitos de sentidos, produzidos em condições determinadas e que estão de alguma forma presentes no modo como se diz, deixando vestígios que o analista de discurso tem de apreender. São pistas a partir das quais ele aprende a observar e compreender os sentidos aí produzidos, pondo em relação o sujeito com sua exterioridade, suas condições de produção.

A Análise de Discurso considera que entre as condições de produção e a ideologia, nos lugares sociais que os sujeitos falantes ocupam ao dizer, funcionam certas formações Imaginárias. Orlandi explica que a partir desse lugar se:

(...) produz imagens dos sujeitos, assim como do objeto do discurso, dentro de uma conjuntura sócio histórica. Temos assim a imagem da posição sujeito locutor (quem sou eu para lhe falar assim?), mas também da posição sujeito interlocutor (quem é ele para me falar assim, ou para que eu lhe fale assim?), e também a do jogo do objeto do discurso (do que eu estou falando, do que eu estou lhe falando, do que ele me fala?). É, pois, todo um jogo imaginário que preside a troca de palavras. (ORLANDI, 1999, p.40)

Durante essa pesquisa, fixamos nossa atenção nas relações entre os universos discursivos tradicionalmente identificados como rural e urbano. Para isso consideramos algumas pesquisas sobre práticas discursivas desenvolvidas no e sobre o campo, que nos levam a compreender como o imaginário funciona nas interlocuções entre sujeitos situados nesses lugares sociais.

Consideramos inicialmente a pesquisa de Orlandi, Guimarães e Tarallo (1989), em que analisam as relações entre cidade e campo em trocas interlocutivas entre técnicos da agricultura e agricultores. Observando os pontos de conflitos e de diferenças de sentidos, Orlandi considera que estes se produzem por estarem os sentidos de uns e outros inscritos em formações discursivas distintas, a científica e a agrícola, apresentando-se diferenças no modo como os sujeitos situados nesses lugares de dizer apresentam seu dizer de forma didática (técnicos) ou didático-dialogal (agricultores). A autora leva assim a compreender como o imaginário social sobre o rural e sobre o urbano se apresentam nessas interlocuções, produzindo efeitos de sentido e (reproduzindo) as diferenças. Orlandi apresenta em seu trabalho presente no livro *Vozes e Contrastes*:

Os conceitos rural e urbano correspondem a usos que se ligam a um imaginário que tem de específico o fato de ser constituído de uma formação social que institui relações distintas em suas práticas de linguagem e que resultam na separação dessas duas ordens, a urbana e a rural. Em outras palavras, faz parte do imaginário de nossa formação a separação entre urbano e o rural. A essa distinção inscrita em nosso imaginário social se ligam os efeitos de sentidos construídos dessa diferença discursiva. A partir dessas considerações podemos dizer que não há separação estanque entre discurso urbano e discurso rural. (ORLANDI, 1989).

Payer (2001), em trabalhos nessa mesma linha teórica, analisou o modo como produzem efeitos de sentido expressões e termos como “homem do

campo”, “trabalhador rural”, “camponês” e “caipira”. Se há certa regularidade no modo como essas denominações ocorrem nos textos de algumas instituições, segundo a autora, também circulam nos discursos alguns estereótipos que denunciam uma representação coletiva de pensamentos, sobretudo quanto ao termo “caipira”: atrasado, passado e sofrido. Atrasado em relação ao progresso, afastado da cidade, o rural é visto sempre como distante do urbano (Payer, 2001, p.170). Há ainda o imaginário de caipira como preguiçoso e matuto, como produzido nas décadas de 1920 e 1930 pelo discurso do progresso, que então predominou, instalando forte imaginário negativo sobre o rural. A imagem associada de rural passado aparece no sentido de que sempre esse rural traz saudade, lembranças de um período que não volta mais. E ainda, há a imagem de um trabalhador diminuído, triste e que sofre no campo.

Segundo Payer, o efeito de que o rural é o passado da cidade aparece nos textos de diversos modos, um deles é o discurso da retrospectão, que segundo a autora produz um efeito de nostalgia, de reminiscências, de lembranças de um passado rural da infância com ou paraíso perdido da humanidade. A retrospectão constitui um modo discursivo universal de referência ao campo, (2001, p. 176).

Outro modo de funcionamento da retrospectão é o que se observa, de maneira geral, na proliferação de discursos retrospectivos nas produções de linguagens dos sujeitos migrantes do campo para a cidade. Segundo a autora essa proliferação se dá em um processo em que a mudança das condições objetivas leva de fato à retrospectão, como a verbalização de “lembranças” do campo, como modo de manter na linguagem, presente, o real ausente/perdido. Ou seja, reproduz-se por meio da linguagem, que pode fazer presente, o campo – seus objetos e suas formas de vida – como objetos ausentes ao sujeito em suas novas condições de produção de linguagem, na cidade, (idem).

Destaca-se ainda outro efeito de sentido produzido nas relações entre sujeitos nesse contexto de que estamos falando, como um dos efeitos ideológicos mais fortes produzidos por sobre a produção da linguagem dos

sujeitos acostumados ao campo quando se encontram fora dele: os dizeres sobre o campo, na cidade, produzem esses efeitos de retrospectiva também quando não é disso que se trata. Ou seja, quando para o sujeito que produz linguagem o campo não tem tal efeito de passado, mas constitui ainda “o presente” das referências discursivas, entretanto é remetido ao passado pelos interlocutores, por quem ouve, pelo efeito de passado que o rural tem no imaginário social, (Idem).

Assim, se a polaridade rural/urbana encontra-se inscrita nos efeitos imaginários, é preciso compreender a ordem discursiva em que ela se engendra, como uma condição para não meramente reproduzir estes efeitos, seja nas práticas sociais, seja na reflexão acadêmica (Payer 2003. p.99).

Segundo Orlandi (2010), as formações discursivas não são blocos homogêneos que funcionam de forma autônoma e automática, são fluidas, estão sempre reconfigurando e relacionando-se umas com as outras. De acordo com (Santos, 2015), que analisa sentidos de rural em músicas sertanejas, “as discursividades se encontram, se misturam, se entrelaçam, chegando a constituir um outro lugar de significação que podemos chamar de entremeio, se referem a um lugar de entremeio”, entre o lá e o cá, no entre-lugar.

Ainda segundo Santos (idem), no entremeio significa estar determinado por um processo ideológico, um jogo no qual a ideologia produz imagens de campo e cidade que se significam pela contradição : o campo é o que a cidade não é e vice versa.

É importante registrar aqui que entre os alunos da Fazenda Sertãozinho circulam ainda outros sentidos diferentes destes, outros sentidos de rural que não são estes cristalizados, mencionados acima. Durante a execução das atividades, os alunos questionam as imagens utilizadas, sobre o rural nos textos e regularmente “cobraram” do professor sentidos outros, com os quais eles se identificam (ou não).

A incompletude aponta para a abertura do simbólico, já que a falta é também o lugar do possível, conforme Orlandi (2002). Esse fato possibilita a ruptura, mostrando que o sentido pode ser outro.

Foi a partir dos estudos do discurso e da atenção aos alunos que procuramos elaborar atividades de ensino de tecnologia que não reproduzissem esse discurso sobre o campo. Queremos destacar que em nosso trabalho de ensino para crianças da escola da fazenda procuramos cuidar para que os efeitos dessa polaridade não se instalassem, seja na relação com os sujeitos, seja na condução das discussões que apareceram em aula, seja também no modo de preparar os materiais que utilizamos como suporte para essa relação de ensino-aprendizagem.

Sendo assim o tema da relação entre o urbano e o rural, os efeitos imaginários e as diferenças mencionadas pelos alunos constitui-se um dos eixos centrais tanto da discussão quanto do desenvolvimento das práticas experimentais da montagem do corpus.

Os sujeitos alunos estão na necessidade de dar sentido, isto é, de construir uma significação, de tornar possíveis os gestos de interpretação, (ORLANDI, 1996) noção que propõe a partir de Pêcheux, que fala em gestos (que são vaiar, aplaudir, etc) como *atos no nível simbólico*. E parafraseando Orlandi, quando o aluno fala, ele está interpretando.

Segundo a autora:

Na análise do discurso procura-se compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história. Por ela, o homem é construído e moldado e, por isso mesmo, ela não é dada de forma acabada e perene. Sem a intermediação da linguagem é impossível a participação do sujeito no decorrer da história. É por meio do contato ocasionado pelo processo linguístico que o sujeito passa a compreender o mundo e as coisas. E é a interação verbal que constitui a linguagem e o sujeito. Dessa forma, é pela linguagem, sedimentada no transcurso histórico, que acontece o contato com o mundo e as pessoas, visto que não há sujeito fora da história. (ORLANDI,2003, p.15)

A ideologia é vista assim como ligada ao imaginário, responsável pela mediação das relações do sujeito com suas condições de existência, sendo constitutiva da relação do sujeito com o mundo e a linguagem.

Em referência ao ideológico, não se tratam de conteúdos ideológicos, mas sim de processos discursivos em que a ideologia e a linguagem se juntam de forma a produzir sentidos em uma direção e não em outra (Orlandi, 1990).

É necessário destacar que a língua não é transparente, nem homogênea, como aparenta ser, portanto a AD não procura atravessar o texto de um lado a outro em busca de um sentido, mas leva em conta a opacidade da língua e a relação do discurso com seu exterior (Orlandi, 1990).

Conforme a AD, devido a essa opacidade, a língua é passível de equívocos, de falha, de deslizos e é afetada pela história. E o sujeito produtor da linguagem não se constitui empiricamente, mas se representa conforme seu lugar, já determinado, em dada formação social.

“O interdiscurso, como memória discursiva, constitui-se de um conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos”, (ORLANDI, 2007, p.33). Isso implica dizer que para que o que falamos faça sentido é necessário que já faça sentido antes. O interdiscurso refere-se ao já-lá, ao já-dito.

Esse sentido já antes, os saberes anteriores, não nascem do sujeito. Como se lê em Payer (2003, p. 144), “os saberes não habitam apenas o indivíduo isoladamente, mas remetem, também eles, à existência de um corpo histórico de traços discursivos que constituem o espaço memória”.

E ainda segundo a Análise de Discurso, as palavras modificam de sentido de acordo com o lugar de onde falamos, de modo que é importante estarmos atentos ao modo como elas produzem sentido nas falas dos alunos.

Nas palavras de Eni Orlandi, *os sentidos não brotam das palavras*, assim como as noções de rural, que existem e circulam na memória coletiva, mas são re(significada) pelos sujeitos. E é a isto que estamos atentos em nosso trabalho como professora e em nossas análises nesta pesquisa.

A autora encontrou em suas pesquisas diferentes sujeitos e diferentes formações discursivas que projetam práticas discursivas que se cruzam e se chocam criando diferentes efeitos de sentido, por exemplo, nos festejos,

produzindo paráfrases e polissemias, fazendo um jogo entre o diferente e o mesmo. Nos dizeres de Orlandi (2005, p.28) estas “são duas forças que trabalham continuamente o dizer, de tal modo que todo discurso se faz nessa tensão: entre o mesmo e o diferente”.

Segundo Orlandi, *não há discurso que não se relacione com outros: um discurso aponta para outros que o sustentam, assim como para dizeres futuros.* (2009, p. 35).

Ainda, referindo-se ao termo formação discursiva na AD, Orlandi (2001) nos remete ao fato de que as palavras mudam de sentido de acordo com a posição de seus enunciadores, e as palavras podem apresentar significados diversos a partir do momento em que se inscrevem em formações discursivas diferentes. É possível afirmar que “o discurso se constitui em seu sentido porque aquilo que o sujeito diz se inscreve em uma formação discursiva e não em outra para ter um sentido e não outro” (ORLANDI, 2001, p. 43). Por essa razão, as formações discursivas não devem ser consideradas estanques, homogêneas, ao contrário, são fluidas, heterogêneas.

Deste modo, uma palavra pode apresentar um sentido em dado momento histórico, em uma determinada formação discursiva e aparecer em outra situação com sentido distinto, diferente daquele da outra formação discursiva. Sendo assim uma formação discursiva pode ser acometida por outros discursos que se originam de outras formações discursivas.

E agora, compreendendo o discurso, que permite desconstruir, rever, recomeço minha busca, como pesquisadora e professora. Então, o pensamento inicial de que à medida que a tecnologia fosse inserida, ocorreria um sentimento de distanciamento do rural, como uma espécie de urbanização no conhecimento, se modifica e surgem surpresas, e, porque não dizer, um desapontamento. Afinal, o sentido pode ser outro.

É possível observar que há um movimento de permanência e de mudanças de sentidos de rural, e ainda, um rural inundado de sentidos e significados outros, e eu, professora pesquisadora, agora fora do meu Norte, de minha referência, me vejo na necessidade de uma nova postura, de manter um

afastamento de qualquer estereótipo, de pré-construídos, a fim de permitir leituras diversas desse rural e na sua relação com a tecnologia.

Ainda que nossa memória seja vista pelo discurso dito urbano como uma perspectiva do passado, ela é uma construção, é atualizada e em constante transformação. E essas transformações que vão ocorrendo vão (re)marcando nossa memória, as anteriores não são substituídas pelas novas, elas se compõem (Payer, 2006), e assim segundo Orlandi:

Falamos a mesma língua, mas falamos diferente. Dizemos as mesmas palavras, mas elas podem significar diferente. As palavras remetem a discursos que derivam seus sentidos das formações discursivas, regiões do interdiscurso que, por sua vez, representam no discurso as formações ideológicas (2009, p. 80)

Segundo Orlandi (2009), a historicidade deve ser compreendida em análise de discurso como aquilo que faz com que os sentidos sejam os mesmos e também se transformem.

1.2 Considerações Sobre o Ensino-aprendizagem e Tecnologias Digitais.

É fato o avanço tecnológico pelo qual a sociedade vem passando, com reflexos significativos no comportamento e nos valores da sociedade, e que segundo Levy (1999) “criaram um novo paradigma na educação no sentido de assimilar tais avanços na formação dos indivíduos de forma a prepará-los para esta nova realidade”.

Dentro deste contexto surge a discussão quanto às melhores maneiras de inserir a tecnologia digital no ensino, de modo eficaz, significativo, de forma a agregar e integrar o conhecimento. De nossa parte, procuramos fazer isto de maneira atenta ao modo como o aluno está atribuindo sentidos a essa aprendizagem, a esse conhecimento das possibilidades da tecnologia digital e, segundo a teoria do discurso, sempre de acordo com certas condições de produção no seio das quais se produzem os sentidos.

No que segue, trazemos algumas considerações sobre as novas tecnologias de linguagem e o ensino.

Segundo Abreu (2014), *“a inclusão de mais tecnologias no ambiente escolar não leva, necessariamente, a mudanças nos sujeito e processos. Cria-se sem dúvida, um novo discurso”*, e assim o lugar de professor como construtor de conhecimento junto aos aprendizes sofre um apagamento e o que passamos a ter, segundo a autora, é um *“gesto de processo, na certeza de haver um ritmo adequado, um caminho a seguir e, quem sabe uma sequência didática infalível para aprendizagem eficaz.”* (idem). De nossa parte, trabalharemos com a ideia de processo, mas sem certezas, em um jogo de sentidos no qual as interpretações do sujeito aluno são levadas em consideração nos gestos subsequentes, e até mesmo simultâneo e improvisado, do sujeito professor.

A evolução tecnológica, de fato, traz novas possibilidades à educação, na medida em que viabiliza diversos tipos de recursos e instrumentos agilizadores do conhecimento, que podem ser utilizados como auxiliares na construção da aprendizagem, ou melhor dizendo, na inscrição do sujeito na nova linguagem, pelo discurso.

As novas tecnologias permitem uma maior interação do aluno com o objeto de conhecimento e podem, desde que baseadas em uma proposta metodológica interessante, tornar-se mediadoras do processo de aprendizagem, possibilitando ao aluno ser mais ativo na atribuição de sentidos e na busca de conhecimentos. E, além dos recursos propriamente ditos, é importante ressaltar que, segundo Smolka (1993), *“o professor assume o papel de mediador na relação do aluno com os instrumentos tecnológicos”*, não só em relação às tecnologias digitais, mas conforme a autora, também em relação aos textos, em outros processos do ensino-aprendizagem. É sua função, nesse sentido, contribuir para a integração de sentidos que o sujeito aluno vai atribuindo no processo.

Esta integração passa primeiramente por uma reflexão por parte do sujeito professor acerca dos objetivos a serem alcançados, das técnicas a serem desenvolvidas para esse fim e dos conteúdos a serem abrangidos com o uso dos recursos tecnológicos e dos conhecimentos necessários à sua utilização.

Para a utilização de recursos tecnológicos no ensino, é necessário ter clara a abordagem educacional que será utilizada, definindo o papel dos sujeitos interlocutores nesse processo, na sala de aula. Desta forma, a aprendizagem pode ser encarada, segundo Valente (1997), a partir de duas visões educacionais: a promoção do ensino ou a construção do conhecimento. Na primeira abordagem, da promoção do ensino, os recursos tecnológicos passam a desempenhar papel de transmissor de conhecimento, sendo utilizados como um instrumento de auxílio à instrução. Ao aluno cabe então memorizar e desenvolver o conteúdo preparado e transmitido pelo professor com ajuda dos recursos tecnológicos. Neste processo de aprendizagem o aluno é parte passiva. Tal abordagem, segundo o autor, não estimula a formação de um indivíduo crítico e reflexivo e tende a ser repensada na medida em que não responde às exigências da sociedade moderna. Segundo entendemos, ela não possibilita de modo forte a atribuição de sentidos pelos alunos, e o professor se põe a serviço de conteúdos pré-estabelecidos.

Já na segunda abordagem, da construção do conhecimento, entende-se que o conhecimento não é transmissível e sim construído pelo aluno por meio de uma interação do indivíduo com os recursos tecnológicos, e insistimos, mediados pelo professor, que tem a função de agir junto ao sujeito que vai se inscrevendo nos saberes. Diremos que a aprendizagem se dá a partir da “experimentação” das linguagens e recursos tecnológicos por parte do aluno, realizando atividades reflexivas dentro de um ambiente propício para o desenvolvimento do conhecimento, criado pelo professor. Nossas atividades se aproximam mais desta abordagem do que da anterior. Nesse processo o professor deixa de ser a fonte única do conhecimento, assim como o recurso tecnológico também não é, passando a ser mediadores e estimuladores da aprendizagem, como inscrição discursiva, e o aluno por sua vez passa a desempenhar função ativa, como sujeito de linguagem, sendo ativo na produção do seu conhecimento, interpretando e atribuindo sentidos aos gestos que está realizando.

Na mesma perspectiva que valorizamos em nossa pesquisa, segundo Ausubel (2003), para que ocorra uma “eficácia” no processo de ensino e aprendizagem, é necessário que o aprendiz sofra desafios elaborados e que

esses desafios estejam interligados ao conhecimento prévio do aluno por meio de uma mediação pedagógica estratégica, permitindo que o aluno busque outras fontes e também aprenda com as próprias falhas e com a interação e o compartilhamento de conhecimento entre os demais alunos. Esse processo leva a uma aprendizagem mais significativa e colaborativa. E considera como dissemos, as falhas como constitutivas dos sentidos, do processo simbólico.

Ainda segundo Ausubel, *“o fator isolado que mais influencia a aprendizagem é aquilo que o aprendiz já conhece. Descubra o que ele sabe e baseie nisso seu ensinamento* (Ausubel **et al.**, 1980). Este é, também, um funcionamento da linguagem que se conhece, ao considerar o papel da memória discursiva, que sempre se dá a partir de elementos que já estavam (Payer, 2006).

Também Freire (1981) considera que o sujeito aluno já possui uma bagagem de informação cultural, de experiências, de conhecimentos prévios, que lhe permite interpretar a realidade; e essa identidade cultural é fundamental para um processo de aprendizagem autônoma, independente e crítica. Em sua teoria, Freire assegura que o conhecimento do aluno é o estopim do processo de ensino e que é preciso que o professor aproveite esse ponto de partida para ajudar o aluno a iniciar uma reflexão crítica de sua realidade.

Com a Análise de Discurso, e na relação com as teorias de Ausubel e de Freire, podemos concluir que uma possível forma de atualizar os métodos de ensino de modo que esses se relacionem aos saberes anteriores, por meio de uma reformulação, de um trabalho com os sentidos.

Dias (2014), ao falar da (novas) tecnologias de linguagem, no contexto das Tecnologias da Informação e Comunicação, cita dois grandes eixos que segunda a autora se entrecruzam e são eles:

- a) o da produção de materiais que possam auxiliar a prática de ensino-aprendizagem, ou o que se tem comumente chamado de Objetos Digitais de Aprendizagem (ODA) e, b) a construção de ferramentas e plataformas que visam facilitar a busca, organização e reunião desses materiais, que podem ser chamados de repositórios. (2014, p. 01)

O uso de ferramentas e suportes variados demonstram diferentes formas de relação social ligadas a uma tecnologia, e esta, revela a forma do conhecimento.

Segundo Dias (2014, p.10) quanto aos materiais produzidos na e para a Internet, é preciso atentar para algumas características como: “*temporalidade*” aqui em referência ao tempo de acesso a informação. “*Fluidez de arquivo*”, se referindo as atualizações de versões que os sites podem sofrer ou ainda a variação com relação a disponibilidade dos mesmos. “Dimensão e heterogeneidade do arquivo”, referindo-se quantidade e diversificação dos arquivos, “*Autoria*” por falta de identificação ou dificuldades de obtermos a “*legitimidade do arquivo*” e ainda a “*Leitura dispersiva*” que por meio de hipertextos, hiperlinks que são palavras chaves que estão fazendo um link entre um texto e outro, fazendo com que a leitura se dê de forma não linear.

Na elaboração e execução das atividades, é preciso levar em consideração essas características apontadas e ainda, segundo Dias:

Há necessidade de se construir um sentido para o ensino, a leitura e a escrita levando em consideração que há uma transformação no modo como as relações sociais se dão no modo como a relações de poder se organizam e no modo como o sujeito faz seus percursos e se apropria dos conhecimentos. (2014, p. 12)

Por meio dessas atividades busco evitar a homogeneização de sentidos, valorizar a diversidade, o que leva a um consenso, apaga a diversidade. Diversidade essa que é perceptível na escrita ou na oralidade e que vai insurgir nas atividades propostas.

E levando em conta essas abordagens procurei criar atividades para os alunos executarem no computador, atividades essas que o auxiliem no processo de aprendizagem, com conteúdo significativo, proporcionando interesse tanto na atividade quanto no recurso utilizado¹.

Mas, além disso, ao pensar as atividades por mim elaboradas, busco além da mediação do professor, um recurso para auxiliá-lo no sentido de dar qualidade a essa mediação, pela atenção aos sentidos e aos lugares de sujeito a partir de onde eles se produzem, a fim de melhorar seu desempenho, isto é, sua participação ativa em sala de aula, fazendo com que a tecnologia seja mais do que apenas uma ferramenta, um elemento facilitador, um dispositivo em formato

¹ Os recursos aqui citados são os aplicativos: PowerPoint, Word, Excel, Paint.

de feedback ao trabalho pedagógico e um auxílio ao processo de ensino-aprendizagem.

CAPÍTULO II: METODOLOGIA DA PESQUISA E AS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DO ENSINO DE INFORMÁTICA

2.1 Aproximação do Ensino na Informática.

Este capítulo se dedica à descrição da montagem do nosso corpus, que foi recortado de situações de aulas, de relação entre sujeitos do ensino de tecnologia para alunos na Escola da Fazenda Sertãozinho, no município de Botelhos, MG. Iniciaremos apresentando a metodologia da pesquisa e dentro deste item, descrevendo o modo como foi montado o corpus da pesquisa, através de pontos recortados das atividades de ensino-aprendizagem nas quais os alunos e eu mesma, como professora, nos envolvemos, mediados pelos recursos tecnológicos da linguagem. Como nesse trajeto de pesquisa a professora e a pesquisadora se fazem presentes no mesmo indivíduo, é possível que se mesquem um pouco aspectos desses dois lugares de sujeito, ao descrever e interpretar os fatos de significação que ocorrem nesse ensino e nesse constituir-se do professor como pesquisador. No item seguinte vamos fazer uma descrição das condições de produção, apresentando a Fazenda e a Escola de Informática em que estas atividades foram realizadas.

2.2 Sobre Métodos e Aulas.

Muito se tem falado em aprendizagem significativa – aquela que tem sentido para o aluno -, utilização de metodologias de ensino inovadoras que envolvam tecnologias em sala de aula, com utilização de softwares educativos que realmente prendam a atenção do aluno e permitam uma aprendizagem prazerosa porque com sentido. Com esse pensamento, desde o início das minhas atividades como professora busquei desenvolver atividades para serem trabalhadas no laboratório de escolas de informática que impulsionem uma imaginação fecunda e permitam construção do saber em consonância aos sentidos dos alunos e ao seu domínio dos instrumentos tecnológicos.

Utilizando aplicativos e Internet, o aluno ficava, no processo, diante de uma nova materialidade de linguagem, com uma nova relação tempo-espço, devido à velocidade com que circulam os sentidos na rede, que ao mesmo tempo dispersa, fragmenta e faz surgir novos sentidos, sujeitos outros e novos discursos.

Devido à importância da valorização do meio onde a criança vive, nesta perspectiva, e devido à consideração das condições de produção do discurso, as atividades por mim elaboradas em geral tendem a levar a criança a perceber a importância da atividade em seu meio, que nesse caso é rural, e do próprio meio rural em relação às diferenças que apresentam (ou não) em relação ao meio urbano.

Por acreditar que o ensino deve sempre levar em consideração as condições de produção, seja no rural, seja no urbano, que são diferentes entre si, seria inadmissível manter uma ideologia no meio educacional que desvalorizasse o universo simbólico rural, incluindo o mundo do trabalho no campo. É importante, ao nosso ver, que não só se “transmita”, mas que se “assunte”, que se ouça os sentidos e os gestos de interpretação, por meio de atividades que tendem a identificar, reafirmar e valorizar o conhecimento prévio do aluno, não para nele se manter, mas para compor, mover e confrontar-se, ao inscrever-se em outras linguagens e conhecimentos.

Desse modo, ao desenvolver as aulas, para a montagem do corpus de pesquisa e apontamento na própria escola de cada atividade desenvolvida com os alunos foi registrada, assim como os comentários das crianças sobre a atividade, o conteúdo, o seu posicionamento e seus discursos, para que servissem ainda como palavras geradoras², norteando assim a elaboração de futuras atividades, e visando a uma educação processual.

Vale esclarecer que não era o objetivo direto do projeto da escola de informática da Fazenda o de valorizar o meio rural, através das atividades e sim

²Palavra geradora é um termo que foi utilizado pelo Educador Paulo Freire, que fazia parte de uma proposta de alfabetização desenvolvida pelo educador desde o ano de 1962, e esse método propõe que sejam observadas palavras geradoras, e essas devem advir de situações cotidianas e significativas para os aprendizes.

de encontrar um elo, uma ligação entre a realidade dos alunos e o conteúdo a ser ensinado via escola, de modo que se alimentasse o interesse do aluno pelas e nas atividades escolares, fazendo assim crescer o um ciclo de aprendizagem, realização de tarefas e também uma conseqüente coleta de informações para futuras atividades. Por isso a ênfase na “bagagem” dos sujeitos alunos, em seu conhecimento prévio, a fim de instaurar e manter um forte vínculo de interesse das crianças pelas atividades, pelo fazer na escola.

Sem a pretensão de urbanizar o ensino rural, com o uso de novas tecnologias na Escola Pedro Roza de Informática, nem de ruralizar a educação tecnológica, o que procuramos foi oportunizar um reforço aos conteúdos escolares e os domínios dessas tecnologias. E essa visão fez de nosso projeto um forte aliado à escola convencional, caminhando à margem de seus resultados e evolução, e paralelamente ao ensino regular.

Porém essa perspectiva foi mudando, no momento em que o projeto da fazenda passou a contracenar com os conceitos apreendidos durante o Mestrado em Ciências da Linguagem, quando, o que era meu porto seguro, passava agora a ser ponto de partida ou de observação para outros gestos. Doravante, os estudos em Análise de Discurso me levam a (re)pensar o significado, o imaginário de rural dentro do ambiente Fazenda Sertãozinho e a especificidade do “ensino” de tecnologia nesse contexto.

Agora percebo que além do meu anseio em destacar preconceitos que existem em relação ao rural, passo a ter uma outra escuta, refinada, alerta, apoiada na teoria da AD e a ter um outro olhar. Surge aí um questionamento, e a necessidade de reforçar a compreensão dos conceitos de urbano e rural se apresentam, na tentativa de valorizar um e despertar o interesse pelo outro? Enfim, de evitar que imaginários cristalizados se reproduzam através do meu trabalho como professora.

E quais são os sentidos de rural que aí circulam?

A resposta a essa pergunta será respondida em meios às atividades, misturada às análises e finalizada com minha própria descoberta de que não estava ali somente para transmitir, mas também para observar, coletar, com

pretensão de analista, agora além do olhar, com a escuta diferenciada, e como, nos dizeres de Orlandi (2009, p.59), *comum ouvir maior para lá de evidenciar e compreender, acolhendo a opacidade da linguagem, a determinação dos sentidos pela história*, tornando imprescindível adentrar na discussão da Teoria da Análise de Discurso.

Com o objetivo de compreender a (re)construção de sentidos de roça e de rural nos sujeitos envolvidos com a Escola de Informática, utilizando o ensino e a aprendizagem, por meio de atividades que permitam observar a relação entre os diferentes discursos, os conflitos de sentidos e a luta para legitimar esses diferentes sentidos pelos sujeitos que os dizem, seguimos nossa observação e nosso trabalho de professora.

Durante as atividades foram selecionados alguns temas que suscitam críticas e divergências ou desconforto entre os alunos, como exemplo o tema das denominações de “caipira” e “homem do campo”. Nas palavras de Orlandi (1990, p.12) é interessante “compreender que o sentido pode ser outro” diferente daquele que parece ser o correto, e ainda que texto algum, mesmo sendo ele uma só palavra, uma única imagem ou um único som não possui apenas um sentido. E é o complexo desses sentidos que busco analisar nesta pesquisa.

É fato que a elaboração dos sentidos não surge do nada, de um vazio, sendo assim, a partir da AD, compreendemos que o sujeito vai construindo seu dizer com base no imaginário com qual se identifica. Sendo assim, o conhecimento por ele adquirido tem por função dar sustentação aos processos que vão da identificação à construção da identidade e da realidade social.

2.3 Banco de Atividades.

Quanto aos aspectos pedagógicos do nosso trabalho, para iniciar as atividades na escola da fazenda, foi feito um levantamento, por meio de atividades básicas, aplicadas aos alunos com intuito de verificar o seu grau de conhecimento e interesse pelas aulas de informática. O resultado desse trabalho

inicial atestou que os alunos tinham interesse em jogos e internet, mas nenhum conhecimento em aplicativos ou de informática.

Comecei a elaborar atividades que envolviam conhecimentos como Matemática, Português, História e Geografia, porém de forma gradativa. Ou seja, as atividades tinham uma sequência intencional, planejada a fim de reforçar os conteúdos curriculares que eram necessários a cada faixa etária. E por meio de um aplicativo, esses conteúdos seriam trabalhados preferencialmente, com os alunos, de forma lúdica, através de atividades como colorir, pesquisar, completar, escrever, copiar, colar, preencher, identificar, (re)contar, explicar, entre outros, utilizando um dos aplicativos, como *Word*, *Excel*, *PowerPoint* e *Paint*, orientados por um enunciado indicando cada atividade.

Passei assim a criar e organizar um banco de atividades, variando os níveis de dificuldade para cada faixa etária. Sendo que cada atividade ao ser executada foi registrada no computador (“salva”), por usuário ou aluno, para correções futuras e acompanhamento da aprendizagem de cada aluno.

Nesse período, ocorreu que algumas famílias de trabalhadores da fazenda se mudaram para a cidade, por questões de negociação com a administração da Fazenda. Entretanto, continuaram como empregados e seus filhos continuaram frequentando a escola de informática na fazenda. Nesse caso, um ônibus da própria fazenda leva os alunos da fazenda para a cidade, para a escola regular em turno matinal. E na mesma viagem esse ônibus traz os alunos da cidade (que estudaram na escola regular em turno vespertino) para assistirem aulas de informática de manhã. E o mesmo acontece à tarde: o ônibus leva os alunos da fazenda (para aula regular em turno vespertino) e traz alunos da cidade para a aula de informática no turno matutino, na fazenda. Esse era o modo de organização entre a escola de informática, a fazenda, os funcionários moradores ou não na fazenda e seus filhos alunos. Como já se pode antecipar, a situação por si produz movimentos de sujeitos e de sentidos entre a cidade e a fazenda. E esse ponto foi observado e aos poucos inserido nas aulas.

Para este estudo, enquanto pesquisa de mestrado, foram selecionadas para análise atividades que foram aplicadas a alunos que residiam na colônia e

a alunos que residiam na cidade, já que as turmas eram assim compostas, e esta era a política administrativa³ da empresa Fazenda Sertãozinho, como dissemos.

Ao aplicar a atividade a grupos de 6 a 8 alunos, e ao registrar seu desenvolvimento no computador, foram anotadas suas falas, referentes às atividades, e também diálogos ou discussões que surgiram nesse espaço de tempo entre o desenvolvimento e o registro. De modo que em nosso arquivo, para cada aluno temos uma atividade registrada no computador e uma folha impressa de registro dessa atividade material que pertence ao grupo.

Depois as atividades foram salvas em dispositivos de armazenamento e arquivadas na escola, como parte do acervo da escola de informática. É interessante notar que um arquivo foi sendo criado em torno desse processo, abarcado pela escola.

É possível perceber ao longo desse processo que, inicialmente, insistimos, não havia da nossa parte pretensão de análise, apenas de observação dos dados e desenvolvimento das atividades como professora. Entretanto, com o ingresso no Mestrado em Ciências da Linguagem, como disse, deparei-me com novos conhecimentos, com a Teoria da Análise de Discurso e assim foi surgindo um novo olhar, uma necessidade de escuta e observação por esse viés, como analista, como pesquisadora. Daí a importância de se criar um arquivo. Isso evidencia que o corpus discursivo tomado para análise foi construído ao longo da realização dessas atividades, e ao mesmo tempo arquivado na escola.

Durante a primeira atividade com os alunos, fui apresentada às turmas, e foi observado pelos alunos que eu, quando jovem, era do *mesmo* município de Botelhos, que *eu havia residido no meio rural e mudei para a cidade* de Alfenas, para dar continuidade aos estudos. Essa parte da história da professora “Eva”⁴ tornou-se um ponto positivo no relacionamento com os alunos, perante seus olhos.

³ Ao dizer política administrativa da empresa, nos referimos às normas administrativas já impostas pela fazenda quanto a forma de organização e montagem das turmas respeitando as particularidades e necessidades dos funcionários/atividades.

⁴ Forma como os alunos da Fazenda Sertãozinho denominam a professora Evangelina.

Em determinado momento, após uma atividade sobre meios de transporte, uma das crianças me abordou dizendo: “A Tia Eva é *igual à gente, mora no sítio e vai estudar na cidade*”. Esta constatação aconteceu quando as crianças me perguntaram se quando eu era criança morava na cidade ou na fazenda, com qual transporte ia e voltava da escola.

E à medida em que as aulas iam acontecendo, durante as atividades foi ocorrendo uma identificação das crianças, entre o passado (história) do professor, e o contexto atual delas, como podemos perceber também nesse enunciado: “As atividades são muito legais porque a tia Eva conhece as nossas coisas”. Esse comentário surgiu depois de uma atividade em que em nossa conversa separamos (classificamos) os animais domésticos e os animais selvagens. E as crianças me questionaram se eu conhecia um animal chamado “paca”. Começamos a falar que é um mamífero selvagem, encontrado em abundância na nossa região, principalmente no nosso município de Botelhos, e que há alguns anos era comum a sua caça, pois sua carne é saborosa, semelhante à carne de porco e que hoje a caça é proibida, inclusive a paca já esteve na lista dos animais em extinção. Depois de um tempo em proibição o animal voltou a ser visto com frequência, nos arredores do município de Botelhos, e está causando estragos em algumas propriedades, porém caçá-lo não é permitido, “nem pensar”.

Desse modo os alunos se sentem “próximos”, “parecidos”, identificados, enfim, por eu, professora, conhecer o animal, ter experimentado sua carne e ainda saber que muitos de nossos pais caçavam esse animal para comer. Sabemos que pela legislação hoje essa prática é crime, mas que já foi uma atividade aceita, praticada por nossos pais, avós e que inclusive faz parte de muitas histórias e contos que sempre são citados nas rodas de conversas em que os alunos participam:

E, ao lado da semelhança, os alunos listavam diferenças. “A *Helena ensina a gente também mas é diferente, a tia Eva não fica brava por causa do barro, nem...⁵, ela tem barro também*”. (Referindo-se aos meus sapatos quando

⁵ No material analisado encontra-se com grande recorrência a expressão “nem” como interjeição, no interior e no final das frases.

chegam sujos de barro por causa da chuva), “e eu vou crescer e vou dar vou dar aula pros nossos filhu tudo, porque quando eu crescê a tia Eva vai tá veinha veinha igual a vó Lucia”.⁶

Helena é o nome de uma professora anterior de Informática da fazenda, que ministrou as aulas durante um período e passou a ser funcionária do escritório por não querer mais trabalhar com as crianças, e que posteriormente deixou o escritório também. Os alunos disseram que “ela só gostava da cidade e tinha medo dos bichos da fazenda, ela acha que nós somos tudo atrasado, que somos da roça”.

Helena fora uma funcionária que vinha da cidade, contratada para dar aula na fazenda. Era uma jovem que havia terminando o ensino médio e tinha como missão ensinar digitação, *Word* e *Excel* para os alunos. Esse trabalho deveria ser simples, pois o ensino de informática para crianças de zona rural, em um laboratório de informática, que é muito bem projetado, desperta facilmente o interesse das crianças devido ao novo, à tecnologia e aos efeitos que ela produz. Além disso a professora ainda contava com uma apostila elaborada por funcionários da Fazenda que eram responsáveis pelo departamento de Informática, com um passo a passo para esses aplicativos. Entretanto a proposta não teve continuidade. O que nos faz inferir que o conhecimento entre as diferenças entre o urbano e o rural já havia sido uma questão significativa para os alunos, e ainda era. Eis um ponto ao qual a professora Eva, antes, e a pesquisadora, agora, deve estar atenta.

O enunciado “você é professora, mas entende tudo da vida da gente” me chama muito a atenção. “Você é professora” direciona à imagem de professor, ao pré-construído acerca da profissão, ao imaginário que circula na nossa sociedade, que aciona sentidos, não só como antigamente, de um sacerdócio, um dom, uma missão. E aqui aciona-se o papel de *gerenciador do processo de aprendizagem*⁷, que observa, faz diagnóstico prévio a fim de conhecer o aluno,

⁶Não cabe especificar aluno o que fala aqui, pois isso será tratado mais à frente, já em forma de análise dentro de uma atividade.

⁷ Termo utilizado pela pesquisadora Ana Silvia Couto de Abreu em seu artigo: Entre Técnica e Risco – O Ensino e suas Discursividades, 2014.

seus gostos, suas ideias, seus anseios, seus conhecimentos, sua realidade e suas dificuldades, que traça metas e objetivos para trabalhar com esses alunos. É um ritual de comprometimento e de entrega. Ocorre que nesse instante do enunciado vem o “mas” que quebra todo esse sentido de continuidade, como se por ser professora eu não entenderia da vida deles. De fato, o enunciado opõe os termos “ser professora” e “entender tudo da vida da gente” (alunos). Então, sentidos que me pareciam óbvios, construídos acerca da profissão docente, de repente me escapam, pois percebo que outros sentidos se produzem nas falas dos alunos.

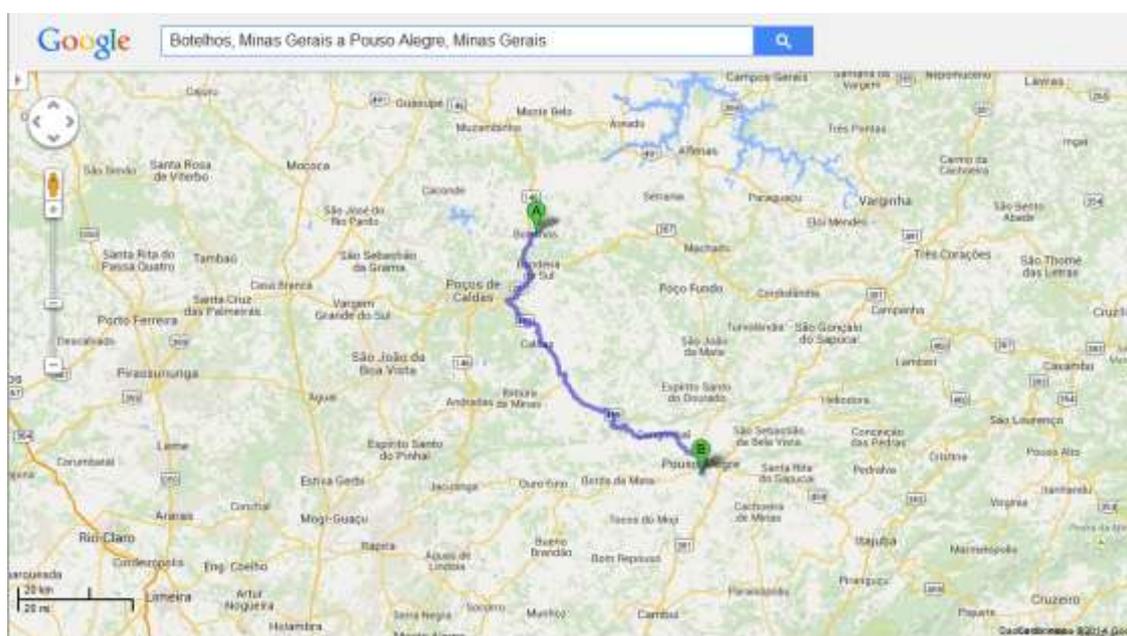
Esta é uma observação que destaco como um dos fortes ventos que conduzem essa pesquisa: a importância do professor (re)conhecer os sentidos que estão presentes para os sujeitos, para elaborar atividades diferenciadas para as crianças (neste caso, de zonas rurais), assim confrontar sua cultura, o que se diz sobre essa cultura, e principalmente valorizar e fazer crescer seu conhecimento. São fatores que re(surgiram) durante o desenvolvimento desse trabalho.

Adiante, durante a análise discursiva dessas atividades, vamos verificar como as crianças significam o rural no contexto específico da fazenda Sertãozinho, e como alguns sentidos escapam, e nessas falhas do seu dizer percebemos que o sentido sempre pode ser outro.

2.4 A Fazenda Sertãozinho e a Escola de Informática

Botelhos é uma cidade pequena, com população de 14.920 habitantes. É um município localizado no sudoeste de Minas Gerais, tendo como limítrofes os municípios de Cabo Verde (a norte), Divisa Nova (a nordeste), Campestre (a leste), Bandeira do Sul (a sudeste), Poços de Caldas (a sudoeste) e Caconde (SP a oeste), conforme se pode visualizar pelo mapa do Google.

Figura 1 Mapa da Fazenda Sertãozinho, zona rural de Botelhos



Fonte: <https://www.google.com.br/maps/dir/Botelhos,+MG/Pouso+Alegre,+MG> acessado em 15/08/2015

Dessa população, do município, 11.366 são pessoas que residem na zona urbana na sede do município, e temos um total de 3.554 pessoas que residem na zona rural.

Da população da zona rural temos cerca de 240 pessoas entre adultos e crianças que residem na fazenda Sertãozinho (em sistema de colônia), local em que os fatos de linguagem da pesquisa foram registrados. Seus proprietários investem em treinamentos, aperfeiçoamento profissional, bem como em planos de saúde hospitalar e dentário para os funcionários e seus dependentes.

Como podemos ver na imagem por satélite, a Fazenda Sertãozinho está situada bem próxima à cidade de Botelhos, com uma distância de

aproximadamente 6 km. A proximidade da fazenda com os arredores da cidade facilita o acesso das crianças e familiares ao perímetro urbano.

Figura 2 Foto via satélite da Fazenda Sertãozinho



Fonte: <https://www.google.com.br/maps/dir//Fazenda+Sertozinho+Botelhos+MG> acessado em 15/08/2015

A fazenda dispõe de uma *Home Page* na internet⁸, canal onde se apresenta como uma empresa comprometida com a qualidade de seus produtos como café, adubo, animais, e também com a satisfação de seus clientes, levando em conta questões como reciclagem e sustentabilidade. Para fins de apresentar as condições de produção em que foram feitas as atividades tomadas como corpus da pesquisa, descrevemos de modo sucinto a fazenda, com base nesse site.

A estrutura física da Fazenda conta com um escritório, uma fábrica de ração e adubos, uma maternidade veterinária, uma criação de porcos, um araras, cultivo e torrefação de café fino e a colônia, onde residem os funcionários da fazenda.

A Fazenda Sertãozinho possui, também como foi dito, uma escola de informática, a Escola Pedro Roza de Informática, nome que homenageia o seu idealizador, um antigo funcionário da fazenda.

⁸www.cafefazendasertaozinho.com.br

A escola foi criada, como já dissemos, com o objetivo de oferecer aos funcionários e a seus filhos inclusão digital e conhecimento quanto à utilização dos aplicativos, além de reforço aos conteúdos escolares.

O espaço físico dessa Escola de Informática inclui uma sala de biblioteca, que tem um acervo bastante variado, com obras de diversos autores da literatura brasileira, como Machado de Assis, Manuel Bandeira, Pedro Bandeira, Ruth Rocha, Ziraldo, Eva Funari, Ana Maria Machado, Cecília Meireles, Maria Clara Machado, Luís Fernando Veríssimo, Fernando Sabino, Keith Faulkner⁹, Clarice Lispector, Monteiro Lobato, Érico Veríssimo, Maurício de Souza, Adélia Prado, José de Alencar, Aluizio Azevedo, Mário de Andrade, cujas obras são emprestadas aos alunos e aos funcionários para leitura em casa ou na própria escola. O acervo possui mais de mil livros. Possui também uma sala com carteiras e lousa branca, onde os alunos realizam as atividades destinadas à sala de aula. Possui ainda uma televisão de 42 polegadas, que é utilizada para as atividades fílmicas.

A Sala de Informática ou laboratório de informática conta com equipamentos modernos e acesso à internet, que são utilizados nas aulas de informática. Esses recursos também podem ser utilizados pelos alunos e por seus pais nos dias e horários que não estejam sendo utilizados com aulas.

Os alunos que frequentam a escola são exclusivamente filhos de funcionários da fazenda. Quanto à sua faixa etária, temos uma variação de quatro a quatorze anos de idade, com uma média de 16 alunos por turma. São organizados em turmas que têm atividades que duram em média uma hora e vinte minutos cada. Dá-se preferência a turnos que alternem com o horário regular de escola dos alunos.

O modo de Organização desse trabalho leva em conta critérios administrativos da Fazenda enquanto empresa empregadora dos pais dos alunos, como na questão do transporte. Esses alunos vão para a cidade todos

⁹ Autor Inglês, com diversos livros infantis traduzidos no Brasil, conhecido por seus livros gigantes *pop-ups* (os bichos saltam das páginas), recebeu Prêmio FNLIJ 2004, na categoria Livro Brinquedo, pela obra *O Solução de Lúcio*, em 2004.

os dias, para assistir as aulas na escola municipal da cidade, em um ônibus próprio da Fazenda, enquanto os demais alunos da zona rural circundante, cujas famílias não trabalham para a Fazenda Sertãozinho, fazem uso de ônibus oferecidos pela prefeitura da cidade, que buscam essas crianças em pontos pré-definidos da estrada.

A escola municipal rural da fazenda, assim como todas as outras do município, foi desativada pela Prefeitura. E recorto aqui as palavras de um aluno da fazenda: *“antes era os professores que vinha de ônibus para dar aula, nem, três professoras davam aula pra nós tudo, e agora somos nós tudo que vamos, precisa de muito mais ônibus, nem!”*.

Nesse ambiente rural, funciona a escola de informática, ambiente onde aplicamos as atividades, observamos os resultados e redefinimos nossa prática pedagógica. É observando como a criança reage diante de cada objeto, de cada atividade, de cada discussão, que vamos elaborando novas atividades. Pois a finalidade aqui é fazer com que a criança aprenda com prazer, que pelo ensino da informática possamos apreender os sentidos de rural, respeitando o imaginário social dessas crianças quanto ao rural e ao urbano, sem a pretensão de propor limites, apontar caminhos, apenas de escutar, observar e registrar os sentidos que aí circulam.

Na inserção das tecnologias digitais no campo, onde se apresentam tradições outras de linguagem, sobretudo a oral, onde se esperaria haver resistências à tecnologia digital, a professora leva a desencadear-se um trabalho que envolve aqueles sujeitos alunos específicos, de modo a levá-los a dizer os sentidos que se lhe apresentam, com as suas diferenças em relação ao “urbano”, sendo o universo simbólico urbano sempre priorizado e mais valorizado no Ensino, na sociedade moderna.

CAPITULO III – ANÁLISES

Neste capítulo apresentamos as análises linguístico-discursivas propriamente ditas, muito embora elas já tenham sido mobilizadas desde as propostas de atividades de ensino. Descrevemos e analisamos o corpus recortado e analisado e compreendemos as situações de linguagem que se apresentaram no processo do ensino-aprendizagem de informática para os alunos da Escola da Fazenda.

O corpus

Um corpus de pesquisa se caracteriza como uma materialidade discursiva necessária na qual se produzem os sentidos.

As gêneses desse corpus são guiadas pela teoria do discurso e pela problemática inicial da pesquisa. É exatamente por essa constituição do corpus que se inicia o trabalho de análise de discurso, onde ocorre o delineamento dos limites, os recortes dos objetos e as retomadas de conceitos e princípios da AD.

Segundo Courtine (1981), a Análise de Discurso trabalha com dois tipos de corpus: o corpus de arquivo, composto por textos pré-existentes, como documentos referentes a um determinado assunto, e o corpus experimental, produzido a partir de enquetes empíricas como materiais de resposta a entrevista, a questionários, a atividades diversas ou outras formas de recolher dados ou fatos. Neste trabalho, utilizaremos o corpus experimental, através de materiais produzidos por nós, como professora, e pelos alunos no ensino-aprendizagem de informática em uma escola da fazenda.

O trabalho de análises, utilizando-se de corpus experimental tem se tornado efetivo e bastante investido na linha da Pesquisa sobre Língua e Ensino do PPGCL (Programa de Pós Graduação em Ciências da Linguagem), da Univás¹⁰, como podemos observar nas seguintes dissertações: Memória da

¹⁰ Diversos trabalhos representativos desta linha de investigação foram expostos e discutidos no Congresso do ENELIN 2015, no Simpósio “A Relação Sujeito/língua(s) – No Ensino e na Pesquisa”, coordenado pela docente Maria Onice Payer.

Língua Oral na Relação com o Ensino da Língua Escrita (2008)¹¹, Processos de Identificação com a Língua na Alfabetização de Adultos (2013)¹², Experiência Discursiva no Processo de Ensino Aprendizagem de Inglês e Espanhol em Turmas de Ensino Fundamental II (2013)¹³; O Papel da Memória Discursiva na Leitura. Crônicas de Clarice Lispector lidas por Alunos do Ensino Médio (2012)¹⁴; O Processo de Atribuição de Sentidos na Leitura de Guimarães Rosa (2006)¹⁵, entre outras. Também se encontra em AD, nessa perspectiva, a pesquisa de Solange Gallo, *Discurso da Escrita e Ensino* (Ed. da Unicamp) (1992).

Os procedimentos de montagem do corpus experimental de análise nessas pesquisas envolvem uma mobilização da teoria pelo pesquisador na proposição de atividades nas quais como professor o pesquisador propõe e acompanha o acontecer dessas atividades entre professor e aluno. Desse modo se exerce a teoria ao tecer a prática docente por meio de uma dinâmica entre a formação, as atividades e sua reavaliação.

Antes de desenvolver a apresentação do corpus propriamente dito desta pesquisa gostaria de expor algumas observações do cotidiano, sobre os sentidos de rural e urbano.

E falando dessas memórias, dos sentidos que circulam sobre o rural, homem do campo, podemos destacar uma conversa que ouço durante uma viagem para a fazenda.

¹¹ Dissertação apresentada pela Mestranda Maraisa Rodrigues da Silva Borba: *Memória da Língua Oral na Relação com o Ensino da Língua Escrita* - (Mestrado em Ciências da Linguagem) – UNIVAS, 2008.

¹² Dissertação apresentada pela Mestranda Jane Soares Almada: *Processos de Identificação com a Língua na Alfabetização de Adultos: Uma Análise Discursiva*. (Mestrado em Ciências da Linguagem) – UNIVAS, 2013.

¹³ Dissertação apresentada pela Mestranda Priscila Rangel Rezende: *Experiência discursiva no processo de Ensino aprendizagem de Inglês e Espanhol em turmas de Ensino Fundamental II*. (Mestrado em Ciências da Linguagem) – UNIVAS, 2013.

¹⁴ Dissertação apresentada pela Mestranda Luciana Fernanda da Silva. *O Papel da Memória Discursiva na Leitura. Crônicas de Clarice Lispector lidas por Alunos do Ensino Médio*. (Mestrado em Ciências da Linguagem) – UNIVAS, 2012.

¹⁵ Dissertação apresentada pela Mestranda Mary Costa Bueno. *O Processo de Atribuição de Sentidos na Leitura de Guimarães Rosa*. (Mestrado em Ciências da Linguagem) – UNIVAS, 2006.

Eu estava sentada em uma poltrona do ônibus quando ouço a conversa no banco da frente, entre duas irmãs a falar da mania do Seu José, sua paixão por um cupim, só que o Seu José era um morador da cidade, e esse cupim ficava em seu quintal, e a conversa que eu ouço é a seguinte:

”...O Seu José, aquele vizinho da rua de cima, que mudou para Botelhos faz mais de 15 anos, pois é, tem aquele terreno enorme, construiu uma casa confortável, de laje, com veneziana, novinha, com um quintal enorme. Esses tempos ele trouxe uma pedra enorme e colocou no quintal. Gastaram três homens e um trator para colocar ela no lugar que ele escolheu lá do quintal. Formou-se um cupim a direita da pedra, e ele adora esse cupim, senta lá, faz um cigarro de palha com fumo e tudo, e construiu um galinheiro no fundo. Noutro dia um comprador ofereceu-lhe uma quantia boa em dinheiro pelo quintal para desmembrá-lo da escritura da casa, querendo comprar a parte que dava para a rua de baixo, ele retrucou, “*prefiro vender a casa, faço uma “chochinha” pra eu mais a veia morarmos do lado da minha pedra e do meu cupim*”. Pois ele vendeu a casa e ficou morando no quintal, junto a pedra e o cupinzeiro, fez uma meia água. Largou a felicidade, e ficou naquele buraco, no meio da terra, do cupim e do galinheiro, igual ao bicho do mato, e a Maria tá junto, ele acende o cigarro de palha e ela, sentada lá na varanda ainda leva café pra ele fazer boca de pito!”

Para essas duas passageiras do ônibus, que moram na zona urbana, e que uma delas é vizinha do seu José, veem naquele pedaço de quintal, ausências; ausência da felicidade, aqui entendida como o luxo da casa nova, trocada pela “chochinha”¹⁶, inclusive esse termo não encontro em dicionários, mas muito utilizado pelos habitantes da região para representar uma casinha pequena, simples, geralmente construída no campo, com poucos recursos. A relação do antigo, rural, e o novo, urbano.

Ainda, quanto a fala da ausência da felicidade, percebemos na fala da moradora da cidade, num discurso urbano, referência aos modos de vida do campo, ou rurais, um lugar bucólico, do homem do campo ou rural com uma forte

¹⁶ O termo “chochinha” não é encontrado nem em dicionários, porém o termo choça, que inclusive é citado no conto Urupês de Monteiro Lobato, onde ele descreve a casa do jeca, me parece ser o termo mais próximo, e se refere a construções utilizando-se de ramos de árvores ou capim.

aproximação com a natureza, quase selvagem, seu modo de vida peculiar. Enfim, uma visão negativa desse rural transportado para o urbano, em que o seu José vive. Onde os objetos e o próprio José, associados ao campo, a um rural distante, que deveria ser separado da cidade.

Já o seu José, utiliza seu espaço “quintal” lugar de retrospecto, onde ele retorna a suas origens, se transporta ao seu meio rural, onde sente-se parte da natureza, tem sua pedra, seus bichos, sua chochinha, seu cigarro de palha, sua “veia”, fazendo assim seu retorno ao passado, ou melhor dizendo trazendo seu passado para o quintal, fazendo do presente uma realidade rural ao se ver, positivamente, desprovido do novo, do moderno.

É possível perceber o imaginário rural e os seus elementos que remetem a um passado cheio de memórias, afinal a origem rural faz parte da construção histórica dessas pessoas, e as formas de viver no campo já estão enraizadas na memória coletiva ou individual de todos, e essa memória é acionada quando ficamos frente a frente com elementos (objetos do quintal do seu José) que nos conduzem a esse lugar, cujo discurso já está estabilizado, estereotipado e então, falamos ou seguimos falando o que já disseram para nós um dia sobre esse passado bucólico, essa calma do campo, esse paiol repleto de simplicidade, que seria o homem do campo e sua maneira rural de viver.

A imagem do Jeca Tatu criada como metáfora do caipira brasileiro no contexto dos discursos da modernização, das décadas de 1920 e 1930 principalmente, em que se inscreve o discurso de Lobato¹⁷, que marcou a literatura nacional, ainda aparece sustentada no imaginário das pessoas atualmente. O autor rotulou o caipira como “*parasita da terra*” “*inadaptável à civilização*” e talvez não tivesse consciência da dimensão das consequências

¹⁷Monteiro Lobato, escritor brasileiro que é conhecido por suas produções textuais que vão desde os primórdios da Literatura infanto-juvenil nacional até as denúncias sociais efetivadas por meio de textos e artigos jornalísticos, os quais revelam as posições do sujeito no discurso, demarcadas por um espaço ideológico específico que caracteriza a formação discursiva do cenário rural brasileiro do início do século XX, mais precisamente o interior de São Paulo, na cidade de Taubaté, onde nasceu, região próxima da cultura caíçara do litoral sul do Estado. Filho e neto de fazendeiros foi alfabetizado pela sua mãe, depois acompanhado de professor particular até a idade de sete anos, quando vai para um colégio. Courseou Direito por imposição do avô, pois seu sonho era Escola de Belas-Artes. Foi advogado, jornalista e proprietário rural, escritor, político, editor e empresário. Monteiro Lobato herdou a fazenda de seu avô, e assim tem um contato com o povo “caipira”, observou seus costumes de modo intenso, o que lhe permitiu escrever muitos artigos, contos, crônicas e livros tocando neste tema.

dessas ideias no pensamento do brasileiro, as quais perduram até os dias de hoje.

Conforme observa M. Pêcheux (1994), à medida que um autor escreve seus textos, literários ou não literários, ele está no discurso, ou seja, ele dá uma formatação discursiva aos sentidos, e a literatura não é estritamente separada das demais práticas de linguagem, a não ser por gestos de representação. Consideramos que isto ocorre com a obra de Monteiro Lobato. À medida em que escreve literatura, o autor formula uma imagem do caipira que vai representar uma figura no imaginário social brasileiro.

Lobato, através de seus textos apresenta o Jeca em três momentos significativos. Primeiro em seu artigo Velha Praga¹⁸ mostra o sertanista como um parasita, que se apropria da terra, esgota e simplesmente a abandona, isolando-se sempre à margem da sociedade.

Em Urupês¹⁹, Lobato mostra esse caipira como um ser desprezível, ainda mais incapaz que no primeiro momento. Agora simplesmente abdicou de participar do progresso, tão veemente defendido pelo autor, e palavra de ordem no discurso do contexto sócio-histórico em que o autor escreveu. O Jeca Tatu não produz, é totalmente incapaz, mesmo vendo seu vizinho progredir ele simplesmente acredita que não vale o esforço para mudar ou progredir, segundo a ótica de Lobato.

No Almanaque Fontoura²⁰, Lobato, simpatizante do nacionalismo, e com conhecimento da urbanização sanitaria desenvolvida no Brasil naquele momento, retrata o sertanejo ainda na figura do Jeca Tatu, antes tratado como

¹⁸Velha Praga é o penúltimo artigo do livro Urupês, Artigo onde Monteiro Lobato denuncia as queimadas da Serra da Mantiqueira por caboclos nômades, além de descrever e denunciar a vida dos mesmos. Mas nesse artigo Lobato ainda não trata o caboclo por Jeca Tatu.

¹⁹Urupês é uma obra de Monteiro Lobato, composta por 14 contos, destacando sempre a vida cotidiana e mundana do caboclo, por meio de seus costumes, suas crenças e tradições. Destaco o último conto, também chamado de Urupê, onde Monteiro Lobato personifica a figura do caboclo, criando o famoso personagem Jeca Tatu, apelidado de urupê (uma espécie de fungo parasita). Um personagem que vive "*e vegeta de cócoras*", sempre pelo menor esforço, alimentando-se e curando-se daquilo que a natureza lhe dá, não produz nada.

²⁰Folhetim divulgado na década de 1920 que reuni informações sobre saúde, higiene contracenando com propagandas de produtos de laboratórios (farmacêuticos), dentre seus colaboradores, citamos Monteiro Lobato com seu personagem Jeca Tatu e suas histórias de homem sofrido, atrasado e preguiçoso.

ser preguiçoso, e agora como um cidadão que está incapaz devido às enfermidades que acometem a todos as pessoas que não possuem acesso à infraestrutura sanitária. Na voz do Lobato, a figura do Jeca vai mudando, conforme o mesmo faz seu tratamento e torna-se assim um cidadão capaz de contribuir para o crescimento da Nação. Observando esse movimento de sentidos em torno da imagem do caipira, compreende-se que essa imagem foi utilizada, sob o modo de campanhas, nas práticas de escolarização e de modernização da educação da população brasileira.

Porém, a imagem que ficou predominantemente na memória coletiva das pessoas, enraizada, foi a de sua criação, o Jeca Tatu preguiçoso, acomodado, sem instrução, pobre, matuto, não civilizado. Ainda usamos este termo de forma jocosa para designar as pessoas que não gostam de trabalhar.

Dito isso sobre o imaginário de rural encontrado na região em que está situada a escola, retornamos ao corpus concebido que mobiliza toda a pesquisa, e constitui-se das atividades por mim elaboradas e executadas pelos alunos²¹ e que compõem um material com um arcabouço muito rico, que transborda vozes, posições e olhares que se entrecruzam, e que avante serão detalhados nas seguintes atividades dos alunos, acompanhadas de textos que são registrados durante e ou ao final de cada atividade:

1. Atividade sobre Zona Urbana e Zona Rural
2. Atividade sobre Ônibus Escolar
3. Atividade sobre Colcha de Retalhos

²¹ Alunos da Escola Pedro Roza de Informática, da Fazenda Sertãozinho, município de Botelhos. MG.

1-Atividade Sobre Zona Rural e Zona Urbana

A atividade sobre *Zona Rural e Zona Urbana*, na escola de Informática da Fazenda Sertãozinho, foi elaborada por nós com o propósito inicial de trabalhar de modo lúdico a ortografia, levar o aluno a procurar o sentido das palavras que desconhece e compreender a importância do dicionário enquanto meio de aumentar o repertório linguístico, permitindo ao aluno comparar os verbetes encontrados nos diversos dicionários.

A atividade foi destinada à turma A1²² e traz como enunciado das instruções que o aluno abra no computador, a atividade *Zona Rural e Zona Urbana*, que foi elaborada para o aplicativo *Word* (editor de texto). A atividade trazia também orientações para que o aluno pegasse um dos dicionários que estavam disponíveis no formato físico, como o Houaiss, Saraiva Júnior, Michaelis e Aurélio, Câmara Cascudo, que se encontravam sobre cada uma das mesas.

A atividade consistiu em utilizar o aplicativo *Word* para montar uma tabela de três colunas, colando as palavras (“Rural” e “Urbano”) na primeira coluna, o seu significado (de a variação, de acordo com os dicionários) na segunda coluna e o exemplo de cada uma delas (adjetivos), que caracterizassem esse ambiente na terceira coluna.²³

Fig.3. Atividade Zona Rural e Zona Urbana para aplicativo Word.

| PALAVRA | SIGNIFICADO | EXEMPLO |
|---------|-------------|---------|
| Rural | | |
| Urbano | | |

Fonte: CD de atividades. Acervo Fazenda Pedro Roza de Informática

²² Turma A1 é composta de filhos de funcionários da fazenda.

²³ O quadro não se encontra preenchido uma vez que no decorrer da aula, a partir das intervenções dos alunos, a atividade mudou de rumo, não sendo necessário retornar a este preenchimento.

Durante o desenvolvimento dessa atividade, um aluno, João, ao invés de utilizar o dicionário (meio físico) para pesquisar sobre o significado de rural e o urbano, fez uma consulta pela Internet, utilizando um site de busca. Esse procedimento tinha feito parte de uma atividade anterior, e o aluno repetiu o mesmo processo de busca. E, como resultado, João encontrou um texto que apresenta as diferenças entre Zona Urbana e Zona Rural.

Mas João teve forte reação ao ler o texto. Tamanha foi a indignação do aluno que ao encontrar o texto com as diferenças entre Zona Urbana e Zona Rural, deu um grito, dizendo: “Professora, isso aqui tá errado! ”

Seu grito chamou a atenção de todos, e os alunos da turma fizeram um círculo em volta de sua mesa para ver, e participaram da mesma indignação ao olhar para a figura “Zona Urbana e Zona Rural”. Eles começam a observar o texto, e não se identificavam com as características que eram apresentadas.

- Pessoa simpres...são os outros lá da roça, nós não nem(João)²⁴

- Ai Gente, eles pensa que a gente só pesca, anda a cavalo. A gente joga vídeo game, assiste filme, nossa, como eles são bobo! (Ana Maria)

A atividade inicial seria de apenas pesquisar no dicionário físico (impresso), mas percebi, diante da não identificação das crianças com esse rural e urbano, expressas em seus dizeres, que a atividade acabara de se tornar outra.

Essa atividade não foi respondida, com a tabela sem preencher, pois, fomos para outra atividade. Nem tudo precisa ser acabado, completado, preenchido, ela ficou assim (in)acabada.

²⁴ Os nomes dos alunos são fictícios, mantendo real apenas o gênero e a localização (cidade ou fazenda) que julguei necessários para melhor compreensão dos resultados e da análise.

Acreditei na importância de observar, de ter um olhar mais atento quanto a essa certeza de que aquele não era o seu rural. Então no lugar do dicionário, (um meio físico), impresso, solicitei aos alunos que a pesquisa passasse a ser feita a partir do endereço visitado pelo colega, e pedi que todos acessassem esse mesmo endereço, em que consta a seguinte imagem, no endereço abaixo:

Página inicial > Especiais > Geografia > 6 a 8 anos / 9 anos ou + > Zona Urbana e Zona Rural

Figura 4: Site sobre Zona Rural e Zona Urbana pesquisado pelas crianças durante a atividade

Você sabe a diferença entre zona urbana e zona rural?

Há pessoas que moram na cidade, outras que moram no campo.
As pessoas que moram na cidade formam a comunidade urbana e as pessoas que vivem no campo formam a comunidade rural.

Na comunidade urbana, há muitas coisas em comum, por exemplo alguns serviços como eletricidade, água e esgoto tratados, transportes coletivos, comunicação, rede de bancos e um comércio muito variado. Nas cidades, as casas ou apartamentos são construídos bem junto uns dos outros.

A zona rural, também chamada de campo, é a região que fica fora da cidade.
As pessoas vivem no campo em sítios, chácaras, fazendas, etc.
As casas da zona rural não são construídas perto uma das outras. A maioria das pessoas que vivem na comunidade rural trabalham cuidando da lavoura e do gado.
As que cuidam da lavoura são chamadas de agricultores ou lavradores. Ela trabalham na terra, plantam, colhem e vendem os produtos. Quem cria os animais como bois, cavalos, cabras, porcos, aves são chamadas pecuaristas.

As formas de diversão e distração das pessoas variam muito de um lugar para o outro. É muito importante que todas as pessoas procurem se divertir e distrair para poder manter a saúde mental e física.

Nas cidades há formas para as pessoas se distraírem: cinemas, teatro, zoológico, parques, televisão, etc.

No campo, onde a vida é mais simples e não existem muitas escolhas para diversão, as pessoas se divertem pescando, andando a cavalo, tomando banho de rio, cachoeira, freqüentando rodeios, bailes, etc.

Na cidade ou no campo as pessoas podem se distrair lendo bons livros, fazendo passeios a pé, conversando.



Figura4 Fonte: <http://www.smartkids.com.br/especiais/zona-urbana-e-zona-rural.html>

Ressalto que apenas um dos alunos identificou-se com o texto quanto aos sentidos referentes à Zona Urbana, exatamente como ele estava escrito e concordou que essas características sejam realmente de uma zona Urbana, enquanto todo o restante da turma começou a analisar as frases do texto e a comentar o que lhes parecia errado, conforme registro abaixo:

Os alunos comentam os trechos que foram lhes causando indignação:

...A maioria das pessoas que vivem na comunidade rural trabalham cuidando da lavoura e do gado. As que cuidam da lavoura são chamadas de agricultores ou lavradores. Elas trabalham na terra, plantam, colhem e vendem os produtos. Quem cria os animais como bois, cavalos, cabras, porcos, aves são chamadas pecuaristas...

Diante desse fragmento de texto, comentaram os alunos:

- Professora isso aqui está errado, precisamos escrever para eles e dizer que meu pai trabalha no escritório da fazenda. (João)

- O Meu pai trabalha na fábrica de ração, e a minha mãe trabalha na torrefação da fazenda. (Ana Maria)

Quando os alunos João e Ana Maria leram o texto em que se descrevem as funções ou atividades agrícolas do trabalhador rural, eles não identificam aquelas atividades como sendo as realizadas pelos seus pais. De fato, o texto apresenta marcas de um imaginário em que rural e urbano são distintos, quanto as suas condições de produção são outras. Eles vivem outro cotidiano, no qual os pais têm horário para ir para o escritório, para a fábrica de ração e torrefação enquanto os filhos pequenos podem ficar em casa com os irmãos mais velhos.

Já diante do trecho abaixo:

No campo, onde a vida é mais simples não existem muitas escolhas para a diversão, as pessoas se divertem pescando, andando a cavalo, tomando banho de rio, cachoeira, frequentando rodeios, bailes, etc.

A aluna Ana Maria faz o seguinte comentário:

- É, essa Zona Rural aí é das pessoas que são da roça mesmo, coitado. A colônia também, é tudo pertinho uma casinha da outra, aqui tem sim! Eles não conhecem a Fazenda. (Ana Maria)

A aluna Ana Maria não se identifica com uma zona rural, como sugere o texto, onde as escolhas são poucas para se divertir, com a vida simples, entretanto, ela afirma que “essa Zona Rural aí” é das pessoas que são da roça mesmo, ou seja, ela não está inclusa nesse grupo, porém percebemos o efeito de sentido de rural, ai disparados pelo “simples” que faz retomar outros sentidos de rural, de homem do campo, por um imaginário de que esse rural exista noutra lugar. Na fala de Ana Maira, “coitado”, parece haver um deslocamento do sentido. A aluna não se descoloca nessa posição de rural, mas ela está em um lugar de entremeio, em uma outra posição, em que atribui a um outro a qualificação. Ela tem uma outra identificação, que não a desse “rural coitado”. A aluna encontra-se em uma não identificação com esse coitado do discurso sobre o campo, ou “da roça”, já que ela diz que “*aqui tem sim*”, *eles não conhecem a fazenda*”, embora também não se identifique com o cotidiano da cidade, com o sujeito da cidade.

Retomando ainda a fala da aluna Ana Maria, aí para um rural, e aqui, um entremeio, que não a cidade, mas um rural diferente daquele. “Aí” são as pessoas da roça mesmo, aqui tem sim, referindo-se as casas germinadas, pertinho umas das outras. Trata-se de um lugar discursivo entre dois rurais distintos, que se entrelaçam, essa constituição de sujeito alunofazenda, como um processo que se dá na relação desses discursos diferentes, percebemos aí um movimento, e esse movimento aponta que o rural e seus elementos, outros

discursos como cidade e seus elementos, fazem parte de seu processo de constituição.

É interessante notar que a aluna quer que seja feita “uma correção”, que no site apareça o seu “real” sentido de campo, que não é neste caso a oposição aos valores urbanos de uma vida melhor, tampouco um lugar de fuga de congestionamentos, de poluição ou da violência da cidade, mas sim das particularidades da vida no campo, que são *diferentes* daquelas que aparecem no site, para que transparecesse assim o cotidiano do trabalhador rural em algo bom, prazeroso, que lhe traz orgulho, que lhe traz uma identidade que não a de ingenuidade ou ignorância, como exposto no texto, mas ainda assim afirma que haja o lugar do “caipira”, em outro lugar.

Além disso, outro ponto de desconforto do texto citado acima foi:

..Nas cidades, as casas ou apartamentos são construídos bem junto uns dos outros...

A aluna fez o seguinte comentário:

- ..A colônia também, é tudo pertinho uma casinha da outra.. (Ana Maria)

Na Fazenda Sertãozinho, como pudemos observar no capítulo anterior, há colônia onde reside um grande número de empregados da Fazenda. E para baixar os custos com a construção, na hora de construir essas casas utilizam-se as obras geminadas. E essas casas geminadas são muito comuns em quase todas as fazendas da Região que possuem o sistema de colônia.

Figura 5: Site da fazenda Sertãozinho, com foto de parte da colônia



Figura 5 Fonte: www.fazendasertaozinho.com.br acessada em 18/02/2014.

Casas geminadas são casas de um tipo de construção harmônicas e homogêneas, como se vê na imagem da Fazenda Sertãozinho que une duas ou mais habitações, compartilhando entre si o telhado e parte da estrutura. Enfim, são casas que possuem uma parede em comum com a casa ao lado. Em colônias, em geral, podemos perceber isso, pois as casas ficam longas, podendo ser construídas duas, três, ou mais casas aproveitando-se as paredes laterais umas das outras.

Assim, no entender das crianças, as colônias poderiam se assemelhar aos pequenos bairros citadinos ou urbanos com seus quintais enormes que, em algumas cidades do interior, ainda são comuns, embora essa comparação se torne difícil pois os espaços das colônias são diferentes se comparados à zona urbana, onde há limitação de espaço, muros, entre outros fatores que tornam difícil a comparação: há diferenças. Embora haja também semelhança visual.

Sobre esse trecho abaixo:

...Nas cidades há formas para as pessoas se distraírem: cinemas, teatro, zoológico, parques, televisão, etc...

...No campo, onde a vida é mais simples e não existem muitas escolhas para diversão, as pessoas se divertem pescando, andando a cavalo, tomando banho de rio, cachoeira, frequentando rodeios, bailes, etc.

A aluna Clara fez o seguinte comentário:

-Mas tem festa de junina, de dia da criança, e tem o coral que é a banda que vem tocar pra gente assistir. Aqui também tem teatro e tem televisão, computador, internet uai. (Clara)

Em relação ao recorte do texto, nota-se que a comparação que o texto traz entre o campo e a cidade, com a identidade “rural” pronunciada com um saber inferior em que “não há algo”, é negada pelas crianças. Pode-se perceber uma contraposição que surge na voz das crianças quando elas percebem e indicam outros sentidos nas diferenças entre o rural e o urbano.

Os alunos indicam ler no texto um rural diferente da sua realidade, ali representada com atraso tecnológico e cultural, com sujeitos pacatos, acanhados. Tudo é diferente, as lentes, o olhar e os dizeres são outros, entre o texto escrito do site e os textos orais dos alunos.

E o poder simbólico de urbano sobre o rural não é aceito por essa turma de alunos de uma suposta comunidade rural.

Na Fazenda Sertãozinho, de fato, pelo modo como está organizada, o rural não é mais o lugar que antagoniza os valores urbanos como trabalho, renda, industrialização e melhoria de vida, conforme o imaginário presente no texto. E o aluno, sabendo-se de área rural, não se identifica, entretanto, com a imagem bucólica do homem do campo, do trabalhador rural que o site apresenta. E cabia a mim, como professora e pesquisadora, ouvir os sentidos para compreender o que diziam e faziam meus alunos de informática “na zona rural”.

É possível percebermos, pelas observações feitas pelos alunos, uma multiplicidade de posições discursivas que o aluno pode assumir, e

consequentemente ocorre uma produção de deslocamento de sentido, surge um discurso que difere do rural tal como descrito no site (por um discurso urbano) mas que também não é, na fala dos alunos, um discurso urbano, e sim um entremeio, sendo assim transformado, sofrendo um imbricamento tanto do tecnológico, quanto das condições de produção de uma fazenda bem equipada, o que produz sentidos que aí se instauram e interferem nos saberes já instituídos.

Cabe ao professor pesquisador observar e trabalhar essas diferenças, e compreendendo-as, oferecer espaço na escola para que possam se manifestar.

A turma elaborou então um folder, utilizando o aplicativo *Word*, onde reescreveram o que pensavam que poderia constar no site, sobre “Zona Urbana, Fazenda Sertãozinho e Zona Rural”, ilustrando com imagens retiradas da Internet, representando cada um desses ambientes.

E a partir disso os alunos deixaram como sugestão para nosso próximo módulo, que seria uma continuação das aulas de informática, além dos aplicativo já estudados, um *software* para criação de um site.

2- Atividade Sobre o Ônibus Escolar:

Como dissemos anteriormente, a Fazenda possui um ônibus próprio, que é responsável por levar as crianças da fazenda para a escola estadual que fica na cidade. E esse mesmo ônibus é também utilizado para trazer os alunos filhos dos empregados que residem na cidade, para assistir as aulas de informática, catecismo e música e outros eventos que possam acontecer na fazenda.

Entre Alfenas e Botelhos há uma outra linha de ônibus comum, que a muitos anos faz esse trajeto, passando pela cidade de Divisa Nova, parando em diversos pontos da estrada e apanhando as pessoas que residem na zona rural e que dependem desse transporte para ir e vir da cidade de Alfenas, Botelhos e Divisa Nova.

É um transporte que circula em grande parte de seu trajeto por estrada de terra. E um de seus pontos de parada é a Entrada da Fazenda Sertãozinho.

Porém são poucos os funcionários da fazenda que fazem uso dessa linha, já que eles têm a opção de utilizar o ônibus próprio da fazenda. E há algumas situações em que os funcionários utilizam seus próprios veículos ou viajam de carona com algum outro funcionário que esteja indo para a cidade.

Esse ônibus de linha era conhecido já há algum tempo como “Jardineira”. Mas eu já o conheci como o ônibus da roça, que é chamado por muitos também de “Cata Jeca”.

Em uma de minhas idas para a fazenda, já como professora, utilizei este ônibus comum de Alfenas a Botelhos. Chegando à fazenda, já na sala de informática da escola, os alunos comentaram em tom de zombaria, que eu, professora, havia chegado de “Cata Jeca”. Especularam sobre o que havia ocorrido com meu carro, se o motivo de vir no “ônibus da roça” seria por roubo, quebra, venda ou ainda se a fazenda não estava pagando meu salário. Entende-se que estava fora de cogitação para estes alunos a professora utilizar normalmente o ônibus Cata-Jeca.

A partir deste episódio, elaborei uma atividade sobre transporte para a aula de informática.

A atividade sobre Ônibus Escolar consistiu em utilizar os aplicativos *Word* e *PowerPoint*. Nele a criança devia entrar no computador/servidor da fazenda, na atividade solicitada, e encontrar duas figuras idênticas de ônibus escolar, uma virada para a direita e outra virada para a esquerda. A criança iria escolher uma das duas figuras, copiá-la, abrir o Aplicativo *Paint* e colorir o ônibus copiado da cor que desejasse. Depois que terminasse, recortaria a figura colorida, voltaria à atividade no *Word*, com a opção “colar”, e inserir no local indicado para a figura colorida.

Depois de colar essa imagem do ônibus colorido na tela, a criança tinha disponível um quadro, que chamamos de caixa de texto, onde ela deveria inserir comentários sobre esse ônibus que ela escolheu e falar sobre o ônibus chamado de Cata Jeca.

Em seguida vamos expor os resultados desta atividade feita pelos oito alunos. Note-se que a atividade pedagógica é a mesma, mas a disposição dos automóveis, as cores e os textos são diferentes em cada uma das imagens feitas pelos diferentes alunos.

Optamos por apresentar todas as atividades em sequência, para em seguida analisarmos alguns dos seus elementos. Chamamos a atenção do leitor, além da imagem, para os diferentes textos escritos pelos alunos.

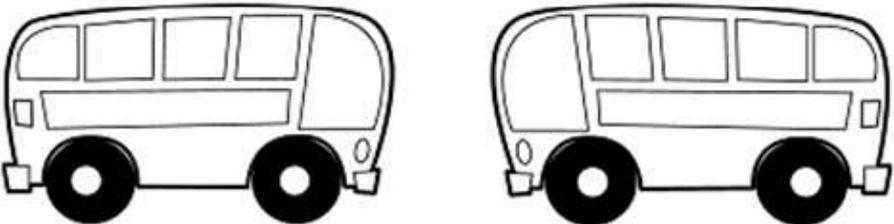
Figura 6: Atividade Ônibus Escolar do Aluno Luiz Paulo, reside na cidade.

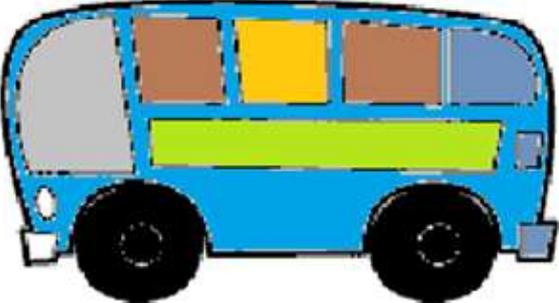


Fazenda Sertãozinho Ltda.

Trabalhando com os aplicativos Paint  e o Word 

Escolha um dos dois ônibus para colorir, recorte, vá ao Paint, utilize a paleta de cores. Depois de pronto, recorte e cole no local indicado. Utilize o quadro abaixo para registrar sua escolha e comentar sobre o que se pede:





Você já ouviu alguém chamar o ônibus de Cata Jeca? Comente Algo a respeito:

É por causa que antigamente, tinha o jeca nem, e ele andava só descalço e só desse daí, ele num tinha nem cavalo bom. E era tau triste e tau triste que tem até aquela musica do jeca nem.

Eu escolhi o ônibus grande porque é o que pega a gente lá na cidade e trais aqui pra fazenda. Pra ter aula de informática e de catedismo também nem. Mas eu gosto da di informática. Catedismo é bom, mas eu já sei rezar, agora aqui eu to aprendendo tudo novo. Que bom que nós tem um ônibus da fazenda e não precisa de vim no cata jeca nem.

Fonte: CD de atividades. Acervo Fazenda Pedro Roza de Informática.

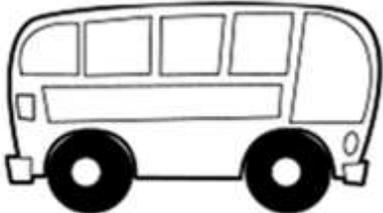
Figura 7: Atividade Ônibus Escolar, do Aluno André, reside na cidade.



Fazenda Sertãozinho Ltda.

Trabalhando com os aplicativos Paint  e o Word 

Escolha um dos dois ônibus para colorir, recorte, vá ao Paint, utilize a paleta de cores. Depois de pronto, recorte e cole no local indicado. Utilize o quadro abaixo para registrar sua escolha e comentar sobre o que se pede:






Você já ouviu alguém chamar o ônibus de Cata Jeca? Comente Algo a respeito:

O Cata Jeca é o ônibus que traz as pessoas da roça pra cidade, mas não é esse ônibus ai de cima que traz eu pra fazenda. Tem dois ônibus um que carrega as pessoas da roça pra cidade e da cidade pra roça, e outro, que é da fazenda sabe? Eu era da fazenda e me mudei pra cidade esse ano, mas eu não ando no cata jeca eu ando só no ônibus da fazenda. Mas tem muita gente da roça que vem no ônibus nosso de carona e até senta lá nos banco com a gente pra economizá uns e que apeia lá na entrada da fazenda. Semana passada o pai da senhora foi de carona pa cidade com a gente, desceu lá no laticínio, acho que ele num ia na cidade não.

Fonte: CD de atividades. Acervo Fazenda Pedro Roza de Informática.

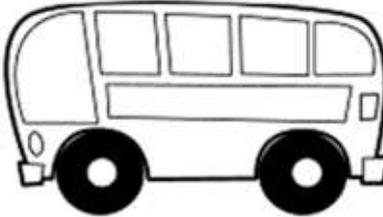
Figura 8: Atividade Ônibus Escolar, do aluno Guilherme, reside na Fazenda



Fazenda Sertãozinho Ltda.

Trabalhando com os aplicativos Paint  e o Word 

Escolha um dos dois ônibus para colorir, recorte, vá ao Paint, utilize a paleta de cores. Depois de pronto, recorte e cole no local indicado. Utilize o quadro abaixo para registrar sua escolha e comentar sobre o que se pede:



Você já ouviu alguém chamar o ônibus de Cata Jeca? Comente Algo a respeito:

Já ouvi sim e ta certinho! Uma vez eu vim nesse ônibus, é que o ônibus da fazenda estragou, tinha gente da roça com galinha viva, gente que tinha acabado de catar ovo e tava levando pra cidade, gente com foice, com facão, com machado, com escada, até com pano de café, para em tudo quanto tem curvinha pra catar uma pessoa, e vem uma criançada! Um cheiro de cachorro molhado, e o barro que tava dentro do ônibus, era dia de chuva e o ônibus ainda atolou lá no morro das quina, foi Deus que mandou um trator aparecer lá, o meu celular não pegava pra pedir socorro pro meu pai. E eu lá junto. Agora se não tiver ônibus na fazenda eu espero o meu pai ou vou com algum carro da fazenda, eu não vou vir com o povo da roça mais não.

Figura 9: Atividade Ônibus Escolar, do Aluno José, reside na Fazenda.

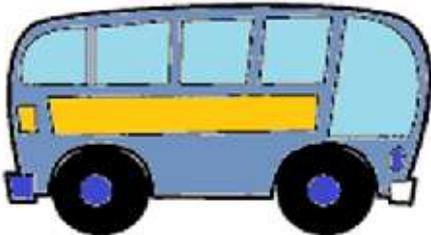


Fazenda Sertãozinho Ltda.

Trabalhando com os aplicativos Paint  e o Word 

Escolha um dos dois ônibus para colorir, recorte, vá ao Paint, utilize a paleta de cores. Depois de pronto, recorte e cole no local indicado. Utilize o quadro abaixo para registrar sua escolha e comentar sobre o que se pede:





Você já ouviu alguém chamar o ônibus de Cata Jeca? Comente algo a respeito:

Escolhi esse ônibus porque ele tá indo e ele tá levando os meus amigos pra cidade. São meus amigos que não podem morar aqui e daí precisam do ônibus para poderem vir assistir as aulas de informática.

Tem o cata jeca sim, que é o ônibus que leva as pessoas da roça, que trabalham nas outras fazendas para a cidade. As pessoas ficam no ponto do ônibus, esperando o horário dele passar pra poder pegar ele ir pra cidade fazer compras. Se perder tem que esperar carona, porque o outro é só de tarde.

Nois já temos o ônibus da fazenda que leva a gente e traz e ainda busca até as crianças da cidade, que daí não precisa ficar no ponto esperando o cata jeca.

Fonte: CD de atividades. Acervo Fazenda Pedro Roza de Informática

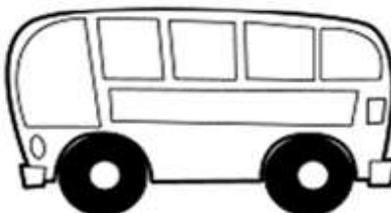
Figura 10: Atividade Ônibus Escolar, da Aluna Gabriela, reside na Fazenda.

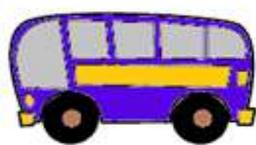
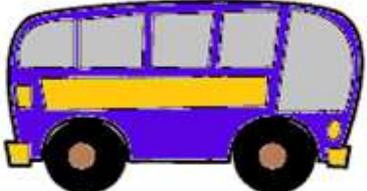


Fazenda Sertãozinho Ltda.

Trabalhando com os aplicativos Paint  e o Word 

Escolha um dos dois ônibus para colorir, recorte, vá ao Paint, utilize a paleta de cores. Depois de pronto, recorte e cole no local indicado. Utilize o quadro abaixo para registrar sua escolha e comentar sobre o que se pede:

Você já ouviu alguém chamar o ônibus de Cata Jeca? Comente algo a respeito:

É já vi sim, mas só de brincadeira.

Tia Eva eu escolhi dois ônibus, é que um é o que as vezes leva eu la na cidade e o outro o que traiz os alunos da cidade é o mesmo ônibus mas é muito deferente, sei lá pra mim ele é muito grande, pros outros ele é pequenininho e apertado e tem muita poera , eu não acho.

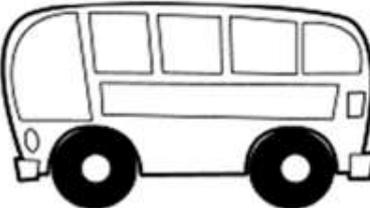
Figura 11: Atividade Ônibus Escolar, Aluna Gessyca , reside na fazenda.



Fazenda Setãozinho Ltda.

Trabalhando com os aplicativos Paint  e o Word 

Escolha um dos dois ônibus para colorir, recorte, vá ao Paint, utilize a paleta de cores. Depois de pronto, recorte e cole no local indicado. Utilize o quadro abaixo para registrar sua escolha e comentar sobre o que se pede:



Você já ouviu alguém chamar o ônibus de Cata Jeca? Comente algo a respeito:

É o nome das pessoas que pegam ônibus na roça. As pessoas da cidade chamam as pessoas da roça de jeca porque elas moram na roça. Então quando elas pegam ônibus pra ir pra cidade ou da cidade pra ir pra roça elas pegam essa Cata Jeca. Eu já peguei ele é porque o ônibus da fazenda estragou e nós ficamos sem condução, daí nós também fomos nesse ônibus pra fazer compra na cidade.

Figura 12: Atividade Ônibus Escolar, Aluno Jorge, reside na fazenda.

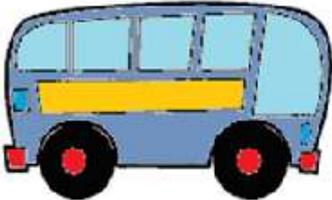


Fazenda Setãozinho Ltda.

Trabalhando com os aplicativos Paint  e o Word 

Escolha um dos dois ônibus para colorir, recorte, vá ao Paint, utilize a paleta de cores. Depois de pronto, recorte e cole no local indicado. Utilize o quadro abaixo para registrar sua escolha e comentar sobre o que se pede:



Você já ouviu alguém chamar o ônibus de Cata Jeca? Comente algo a respeito:

É porque o ônibus pega a gente que mora fora da cidade para levar lá pra cidade. Daí as pessoas botam esses apelidos igual da escola nas pessoas que pegam o ônibus na beira da estrada. E como a gente mora na roça chamam a gente de jeca, um jeito de dizer que somos gente da roça, que planta, que capina, que trabalha com a lida da roça.

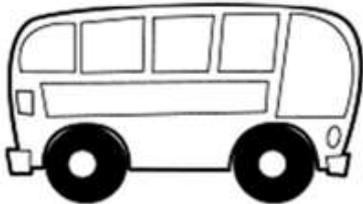
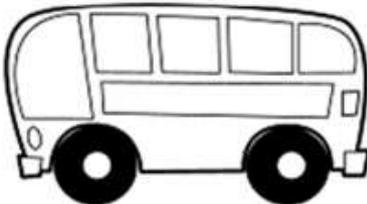
Meu pai sempre fala, é daqui que nós tiramo o nosso sustento e parte dos deles também, pois como o Botelho é uma cidade pequena as loja depende muito da gente. Eu escolhi esse ônibus, que pode ser o Cata Jeca ou o ônibus que tem aqui na fazenda, que me leva pra cidade pra compra o que a gente precisa.

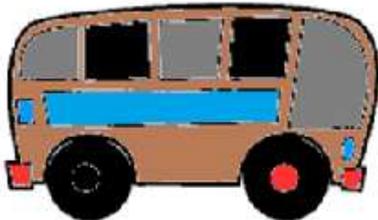
Fonte: CD de atividades. Acervo Fazenda Pedro Roza de Informática

Figura 13: Atividade Ônibus Escolar, do aluno Leonardo, reside na fazenda.

 Fazenda Sertãozinho Ltda.
Trabalhando com os aplicativos Paint  e o Word 

Escolha um dos dois ônibus para colorir, recorte, vá ao Paint, utilize a paleta de cores. Depois de pronto, recorte e cole no local indicado. Utilize o quadro abaixo para registrar sua escolha e comentar sobre o que se pede:



Você já ouviu alguém chamar o ônibus de Cata Jeca? Comente algo a respeito:

É o ônibus que leva as pessoas que moram fora da cidade, na estrada de terra para a cidade. Cata jeca, parece gente bobo, gente meio triste nem. Coitados.

Fonte: CD de atividades. Acervo Fazenda Pedro Roza de Informática

Como se pode ler e ver, houve muita divergência de sentidos. As crianças davam um significado diferente a cada ônibus.

Tinha o ônibus de linha, que era o Cata Jeca, que era utilizado pelos “rurais”, pessoas de outras fazendas, para ir à cidade. E tinha o ônibus da fazenda. Estranhamente, apesar do modelo do ônibus da Fazenda ser inferior, mais antigo e menos conservado que o ônibus da linha (chamado Cata Jeca), os alunos tinham um enorme apreço por esse ônibus da fazenda e o descreviam de forma exacerbada, como se fosse uma peça de luxo.

E, ainda, é possível notar que o próprio ônibus da fazenda tem significados diferentes para as crianças da fazenda, dependendo da direção ou sentido que o ônibus segue, o que tem relação com as vivências e sentidos anteriores das crianças

E houve controvérsias em relação ao ônibus de linha e ônibus da fazenda, e sua importância na vida dos meninos.

O aluno Luiz Paulo, respondeu a atividade tecendo o seguinte comentário:

-É porque antigamente, tinha o jeca nem, e ele andava descalço e só desse daí, ele num tinha um cavalo bom. Era triste e tau triste que tem até aquela musica do jeca nem.

Percebemos na fala desse aluno, estereótipos de uma representação de um trabalhador, conhecido por Jeca, que andava descalço, e que pela sua pouca possibilidade não possuía nem um cavalo bom. E, ainda, a esse imaginário de Jeca, ele traz o sentido de triste, que ele cita que aparece até nas letras de uma música. Esse estereótipo que circula, segundo Payer (2001) de um rural distante, um trabalhador diminuído, triste, o aluno esclarece que “é antigamente”, e não nos dias de hoje. Apesar de relacionar todo esse pensamento ao jeca, como um passado, ele termina sua atividade com a frase:

- ... Que bom que nós tem um ônibus da Fazenda e não precisa vir no cata jeca nem.

Esse comentário demonstra que o aluno tem um apreço pelo ônibus da Fazenda, e uma certa resistência com relação ao ônibus de linha, ou seja, os sentidos do Cata Jeca ainda o incomodam, ou seja, o aluno não se reconhece nele.

Consideramos interessante notar que diferentes sentidos sobre o rural entram na composição dos dizeres do aluno. O sentido de jeca não é atribuída pelo sujeito aluno a si mesmo, mas sempre a outro. O discurso sobre o rural como Jeca, uma vez instalado no imaginário social, circula em diferentes contextos, inclusive no rural, sem que os sujeitos se identifiquem a ele como um sentido atribuído a si. Esta é uma das formas de manifestação da (não) identificação com o sentido de caipira tal como se apresenta no discurso sobre o campo.

Já na segunda atividade do ônibus, o aluno André, que também reside na cidade, escreve que:

.. Tem dois ônibus, um que carrega as pessoas da roça para a cidade e da cidade para roça, e outro que é o da Fazenda sabe? Eu era da Fazenda e me mudei para a cidade esse ano, mas eu não ando no cata jeca, só ando no ônibus da fazenda.

É interessante como o aluno se apressa em logo escrever que apesar de morar na cidade ele não utiliza o ônibus cata Jeca para ir para a fazenda, ele também utiliza o ônibus da fazenda. Pelo seu texto, esse “mas”, como conjunção adversativa, dizendo que apesar de morar na cidade, haver dois ônibus, ele não anda no cata jeca.. Essa rapidez na resposta, essa explicação de que ele não utiliza os serviços do Cata Jeca, deixam claro que para ele, o ônibus de linha é

para transportar as pessoas do campo, os rurais, e ele não se identifica como parte desse grupo.

O aluno Guilherme descreveu o sufoco de um dia em que utilizou o CataJeca, e acrescenta que o termo está correto, dizendo que se carregava de tudo (galinha viva, ovos, foice, facão, machado, escada, pano de café) dentro do Cata Jeca. Que o ônibus estava sujo de barro e cheirava a cachorro molhado. Associa as pessoas ao termo Jeca como atrasado e sujo, pessoas que são muito próximas da natureza, beirando o selvagem. Esse é um aluno que mora na cidade, e que vem de ônibus para a fazenda. E ele acrescenta ainda uma distinção entre o povo da fazenda e o povo da roça, ao dizer que não vai mais com o povo da roça para a cidade, como se as outras pessoas que vão no ônibus da fazenda para a cidade não fossem também pessoas da roça, enfim, há um distanciamento de rural, o povo da roça é rural é um outro rural. Ele ainda descreve seu sofrimento frente ao mal funcionamento do seu celular, e finaliza dizendo: “e eu lá junto”, o que deixa claro que esse imaginário de roça e de Cata Jeca tem diferenças em relação aos demais alunos, eles não se identificam aí. Observa-se assim o imaginário de separação urbano/rural funcionando na descrição do aluno, e o imaginário do rural distante projetado cada vez para mais distante.

Outros sentidos possíveis seriam que um ônibus mais cheio pode remeter à característica do transporte coletivo, como também ocorre no meio urbano, ao passo que o ônibus “da empresa” não teria essa caracterização, sendo por isso mesmo preferido pelos sujeitos usuários.

Aqui estamos diante de elementos que nos indicam que nesse contexto, diferentemente de outros contextos rurais, que determina o sentido de “rural” é a fazenda, a especificidade de tratar-se de um rural da fazenda, que é diferente do rural de um pequeno sítio.

Na atividade do aluno José, temos a visão do aluno que reside na fazenda. Para ele, o ônibus da Fazenda é bom pois ele leva e busca seus amigos nos horários certos, evitando que eles precisem ficar no ponto ou corram o risco de perder o ônibus. Esse aluno também entende que o ônibus de linha serve para

levar as pessoas da roça para a cidade e da cidade para a roça, e descreve o Cata Jeca como um ônibus para os outros, conforme escreve em sua atividade:

-Tem o cata jeca sim, é o ônibus que leva as pessoas da roça, que trabalham nas outras fazendas, para a cidade..

.. Nós já temos o ônibus da Fazenda que leva a gente e traz..

O. aluno não se identifica com “as pessoas da roça”, nem com “as da cidade”, ele se representa em um “nós” que é da fazenda. Entretanto, em sua fala não ficam indicados sentidos de comparações entre as pessoas da roça e os que trabalham em outras fazendas.

Percebemos em sua fala, elementos que indicam diferentes modos de identificação, no sentido de pertença e auto-representação. Os termos “nós” e “a gente” indicam que o falante se insere nesse nós que utiliza o ônibus da fazenda. Os termos “as pessoas da roça”, “que trabalham nas outras fazendas” assinalam indicam que o falante não se inclui no conjunto das pessoas da roça, ao mesmo tempo em que marca um lugar de dizer mais universal sobre o funcionamento da fazenda.

A aluna Gabriela, que reside na fazenda, ao colorir o seu desenho, duplicou-os, deixando assim dois ônibus, com sentidos (trajetos) opostos. E faz o seguinte comentário:

- Eu já ví sim, mas é só de brincadeira.

- ... escolhi dois ônibus, é que um é que as vezes leva eu lá na cidade e o outra o que traiz os alunos da cidade é o mesmo onibus mas é muito deferente, sei la pra mim é muito grande, pros outros ele é pequeninho e apertado e tem poeira, eu não acho.

O termo Cata Jeca não incomoda à aluna, inclusive ela entende essa qualificação como brincadeira. É curioso como ela descreve o mesmo ônibus, com trajetos diferentes e que assumem tamanhos, cheiro, sentidos diferentes. A aluna explica que quando vai para a cidade, ele é grande, espaçoso e não cheira a poeira, mas quando traz seus amigos para a fazenda ele é diferente. É possível também observarmos que, para cada criança, o ônibus é colorido por uma cor diferente, e para ela, que apesar de dizer que o ônibus tem sentidos diferentes, ela coloriu seus dois ônibus de uma mesma cor.

A aluna Gessyca, que reside na Fazenda, escreve sobre o Cata Jeca da seguinte forma:

- É o nome das pessoas que pegam o ônibus na roça. As pessoas da cidade chamam as pessoas da roça de jeca porque elas moram na roça. Então quando elas pegam ônibus para ir para cidade ou da cidade para a roça elas pegam esse Cata Jeca. Eu já peguei ele é porque o ônibus da fazenda estragou e nos ficamos sem condução, daí nos também fomos sem ônibus para fazer compra na cidade.

Ao dizer que o Cata Jeca é o nome das pessoas que pegam o ônibus na roça, circulam aí sentidos outros, que até então não haviam sido apresentados nas falas dos alunos, visto que eles relacionam o Cata Jeca ao ônibus e esse à memória do Jeca, mas agora pelo texto da aluna, ela disse ser o nome das pessoas que pegam o ônibus da roça. Depois completa dizendo que as pessoas da cidade chamam as pessoas da roça de jeca, porque elas moram na roça, porém ela não se coloca nesse mesmo local “roça”, apesar de já ter utilizado o ônibus Cata Jeca, mas como a aluna destaca “*daí nós também fomos no ônibus*”, ou seja, ela se encontra entre as pessoas que utilizam o Cata Jeca, e as pessoa da “roça”. Nesse caso “a fazenda” não equivale a “roça”.

O aluno Jorge mora na fazenda, e não diferencia o ônibus de linha e o Cata Jeca. Em sua atividade de pintura e escrita no programa nota-se que para ele o ônibus é o mesmo. E ao dizer “a cidade é pequena e depende muito da gente, dependência comercial”, ele não diferencia rural e urbano, fazendo referência ao conjunto do rural e da cidade.

A última atividade, pelo aluno Leonardo, que reside na Fazenda, traz o seguinte:

- É o ônibus que leva as pessoas que mora fora da cidade, na estrada de terra para a cidade. Cata Jeca parece bobo, gente meio triste nem, coitados.

É interessante observar que o aluno não diz pessoas da roça, mas “os que moram fora da cidade”. Essa caracterização, nos remete à definição segundo Payer (2001), do campo como “aquilo que se encontra fora da cidade ou que dela se diferencia, considerando a dimensão do espaço”. Percebemos no seu texto, pelos termos “bobo”, “triste”, “coitados”, elementos associados ao jeca, o sentido de um rural distanciado, remetido ao outro, e como esses elementos são diferentes de si, o aluno não se identifica com eles, mesmo não fazendo menção alguma ao ônibus da fazenda, ele se deteve a comentar o Cata Jeca.

É nítido que ocorre um encontro de realidades e imagens diversas, no aluno da cidade e no aluno da Fazenda, com conhecimentos e memórias diferentes do que é rural e o que é urbano, em razão dessa riqueza de variação, ou (não)identificação reverberando sobre sua subjetividade. O que poderia ser novo, é estranho, pois o sujeito não se reconhece no rural, tampouco na cidade.

É interessante que a fazenda não é a cidade, mas também não é a roça, nesse modo de significar. O que nos leva a ressaltar esta característica do contexto em que trabalhamos, o da fazenda, como constituído por especificidades que podem e devem ser levadas em considerações no ensino, ao se procurar conhecer os sujeitos que nele significam.

De fato, nos fragmentos analisados acima, nota-se o funcionamento de muitos sentidos de rural, significados e significando nos dizeres dos alunos. Mas no imaginário social se apaga essa multiplicidade, e quase sempre predomina um discurso que separa categoricamente esses dois universos.

A dicotomia campo e cidade, em blocos distintos, advém segundo Payer (1996), além do discurso sobre a modernidade no Brasil, das diversas formas de retrospecto, ou seja, os dizeres sobre o campo se configuram na literatura, e daí para o imaginário social, no discurso das lembranças, do saudosismo e pela memória, no caso dos alunos devido a sua pouca idade, principalmente pela memória do outro, o seu dizer tem sua fonte nos diversos lugares como família, mídia, religião, escola entre outros.

O aluno busca um entremeio, onde ele se reconheça, se encontre, se identifique, buscando no jogo da linguagem um sentido de rural ressignificado, que o acolha, que o abrigue, que o atenda e o represente em suas variantes. Talvez a de um rural mais próximo ao da atual condição de produção da fazenda. O que nos coloca diante de uma faceta do rural que traz novos sentidos para as nossas considerações, na sociedade e na educação, bem como nos estudos do discurso sobre o campo.

E o professor precisa estar atento a essa busca, a essa necessidade dos alunos, em específico, do meio rural, da fazenda, e segundo Orlandi, “O que a gente não conhece (reconhece) incomoda, por isso é importante fazê-lo à(?) nossa própria imagem” (1983, pg.87). Processo que leva a se homogeneizar os dizeres sobre o campo.

3- Atividade da Colcha de Retalhos

Essa atividade foi desenvolvida na aula para dar continuidade a uma discussão que aconteceu entre dois alunos que chegaram no ônibus da Fazenda para assistir às aulas de informática.

Um deles argumentava que queria aprender alemão ao invés de inglês. E o outro questionava porque ele não queria aprender inglês. E dizia:

“Mas qual o motivo de todo mundo aprender inglês? Eu tenho uma tia que casou com Alemão, e agora voltou para o Brasil com 3 primos que são falantes de Alemão nem, dai eu tenho que aprender alemão nem?”

Uma das respostas que esse aluno ouviu foi que já existe “a coisa certa” para se aprender na escola, o que vai trazer conhecimento e o resto não serve para nada.

Esse “resto” gerou muita confusão e discussão entre os alunos, pois se referia também a conhecimentos que não são adquiridos na escola, mas aprendidos de maneira informal, seja de geração para geração, seja através da observação da imitação, por meio de histórias, contos e ditados, sendo assim, nem sempre de uma forma intencional. E haveria ainda conhecimentos que não seriam aceitos na escola, que se pode dizer que sabe, mas ninguém vai querer saber deles, pois é um conhecimento popular. E aí entrou o questionamento do que é educação, para quê aprendemos, quais conhecimentos são importantes e quem define o que aprendemos na escola. Esse assunto foi gerando ainda mais discussão:

O Aluno 1 diz que o professor sabe mais que todos as outras pessoas, sabe mais coisas que todo mundo, por isso ele é o professor.

O Aluno 2 discorda, *diz que: pessoas que não estudaram e que não tiveram sequer um professor durante toda sua vida, já viveram nesse mundo, já criaram coisas, já deixaram coisas e se foram.* Dizia que tinham conhecimento sim, que adquiriram de diversas outras maneiras. Um exemplo foi seu pai, que já faleceu.

Não estudou em escola, aprendeu a escrever com a irmã mais velha, porém tinha muito conhecimento sobre as coisas do campo. Sabia quando era época de preparar a terra para arar, gradear, quando era a época certa para semear. Quanto tempo levava para ele colher, se iria chover. “Meu pai nesse assunto tinha mais conhecimento que todas as professoras”.

Os outros alunos acompanhavam apenas com acenos de cabeça, olhares que reafirmavam ou negavam.

Dado o modo como a discussão aconteceu, achei necessário e importante desenvolver uma atividade para que todos falassem a respeito do conhecimento e para que eu pudesse registrar essa forma de valorizar o conhecimento popular, vinda dos alunos do campo.

Então acrescentamos ao nosso diálogo que muitas atividades que desenvolvemos exige certo conhecimento específico para que a executemos de forma correta, sem correr riscos e para obter os resultados desejados.

Falamos das habilidades simples às mais complexas. De profissões como astronautas, programadores, engenheiros, veterinários empacotadores de supermercado, agricultores, aposentados, capinadores, serventes de pedreiro, costureiras, padeiros, professores, boleiras, doceiros, religiosos e cientistas em todas as áreas, e sua importância.

Destacamos a maneira como aprendemos, e os métodos utilizados por quem nos ensina ou nos ajuda a adquirir determinado conhecimento. E das diversas formas de se ensinar e aprender. “Quem te ensinou a andar e a falar tão importantes hoje para a sua vida. Quem te ensinou a pescar e andar de bicicleta? E a ler e escrever?” E as questões continuavam:

_ Você conhece alguém que aprendeu a tocar algum instrumento sozinho?

_ Há alguém que saiba fazer algo melhor que os outros?

Depois de todas essas discussões, foram apresentadas às crianças as seguintes atividades:

“Você já viu uma colcha de retalhos? Ela possui um único tipo de tecido, uma única estampa?” E comentei:

Depende de quem está montando, de quem é responsável pela seleção dos tecidos, do tipo do pano, dos retalhos. Pode ter mais de um tipo de tecido, várias estampas e até vários tamanhos de tecido, tudo depende de quem está selecionando esses pedacinhos e do resultado que deseja obter. Enfim, é quem está confeccionando a colcha que vai fazer as escolhas e separar o que vai colar na colcha ou não.

Então lhes disse:

Agora quero que vocês imaginem que eu vou costurar essa colcha, mas que os responsáveis pelos retalhos são vocês. Peço que cada um pense em um retalho, em um conhecimento, seja seu ou de alguém que você conheça, e que fale sobre ele para que possamos colocá-lo na nossa colcha de retalhos. Ela vai se transformar numa importante atividade, cheia de conhecimentos, dos mais variados, cada um com sua importância e seu significado, escolhidos por vocês.

A seguir apresento os resultados das atividades das crianças.

Figura 14:Atividade Colcha de Retalhos, Aluno 1.



Fazenda Sertãozinho Ltda.

Trabalhando com o Aplicativo Word



Você faz parte dessa colcha de retalhos. Compartilhe em forma de texto, no quadro abaixo um conhecimento que você julgue merecedor de destaque para adicionarmos a ela:



Eu sou a Géssica, vou acomodar uns pedacinhos de tecido que gosto muito pra costura essa colcha de retalho.

Minha vó, a vó Lucia tem 91 anos e é a milhó contadora de causo da região. Ela é um poço de conhecimento, ela sabe olha as hora sem relógio, só pela sombra dela, e ela faz um abatimento a cada dez anos, porque a sombra da gente diminui, igual a gente também e ela sabe, de dez em dez anos ela já foi quase dez veiz nem. É um tipo de conhecimento diferente do que a gente aprende na escola. A Helena ensina a gente também mas é diferente, eu gosto da tia Eva porque ela não fica brava por causa do barro, ela tem barro também e eu vou crescer e vou dar vou dar aula pros nossos filhu tudo, igual ela, porque quando eu crescê a tia Eva vai tá veinha veinha igual a minha vó Lucia”.

Figura 15:Atividade Colcha de Retalhos, Aluno 2.



Fazenda Sertãozinho Ltda.
Trabalhando com o Aplicativo Word



Você faz parte dessa colcha de retalhos. Compartilhe em forma de texto, no quadro abaixo um conhecimento que você julgue merecedor de destaque para adicionarmos a ela:



Eu sou a Ana Clara, sou da fazenda também, mas moro na cidade agora. Vou falar do ônibus. Lá a gente aprende muita coisa, todo dia conta uma coisa nova.

O Guilherme ensinou a gente as raças dos cavalos da fazenda, e agora quando tiver cavalhada na cidade, eu vou poder contar as minhas amigas qual a raça de cada um deles, quanto custa o cavalo de raça e quanto custa o pangaré.

Eu tinha um pangaré que morreu sem dente, por causa de picada de cobra.

Na roça a gente sempre tem um pangaré. E as vezes ele é melhor que um de raça, pois um de raça não serve pra puxar um arado nem.. e a ração dele é cara de mais, o pangaré como o milho, capim e água.

Fonte: CD de atividades. Acervo Fazenda Pedro Roza de Informática.

Figura 16:Atividade Colcha de Retalhos, Aluno 3.



Fazenda Sertãozinho Ltda.
Trabalhando com o Aplicativo Word



Você faz parte dessa colcha de retalhos. Compartilhe em forma de texto, no quadro abaixo um conhecimento que você julgue merecedor de destaque para adicionarmos a ela:



Meu nome é Maria Aparecida e eu acho a minha tia muito conhecida, pois ela tem um restaurante aqui e ela sabe fazer um pudim engana marido.

Ele tem esse nome esquisito mas ele não precisa colocar leite condensado e fica igualzinho de leite condensado então ele engana todo mundo nem.

Quando eu crescer eu não vou trabalhar, vou ser atriz. Mas eu quero fazer igual a minha tia. Ela sabe fazer dodinhos e bolo de aniversário. Tem muita gente que não sabe fazer bolo nem bonito nem gostoso igual da minha tia.

E quando eu ficar grande e fica uma atriz famosa e eu para de ser atriz eu vou vim mora na fazenda e fazer bolo igual da minha tia

Fonte: CD de atividades. Acervo Fazenda Pedro Roza de Informática.

Figura 17:Atividade Colcha de Retalhos, Aluno 4.

Fazenda Sertãozinho Ltda.
Trabalhando com o Aplicativo Word

Você faz parte dessa colcha de retalhos. Compartilhe em forma de texto, no quadro abaixo um conhecimento que você julgue merecedor de destaque para adicionarmos a ela:

Meu pai sabe pesca, pesca peixe grande, pequeno. Mas ele sabe criar porco, ele trabalha com os suínos aqui na fazenda.

Outro dia nasceram tantos porcos e o veterinário falou que meu avô é o melhor criador que tem aqui e ele conhece quase igual um veterinário.

Mas eu quero ser veterinário, porque aí eu vou junta o que meu pai me ensino, mais tudo que o veterinário sabe da mode que daí eu vou ser o melhor veterinário que o veterinário que não tem os mesmo conhedmentos que eu.

Fonte: CD de atividades. Acervo Fazenda Pedro Roza de Informática.

Figura 18:Atividade Colcha de Retalhos, Aluno 5.



Fazenda Sertãozinho Ltda.
Trabalhando com o Aplicativo Word



Você faz parte dessa colcha de retalhos. Compartilhe em forma de texto, no quadro abaixo um conhecimento que você julgue merecedor de destaque para adicionarmos a ela:



Eu acho que o conhecimento mais importante é o do meu pai e da minha mãe, eles não foram a escola, mas sabem ler e escrever, tudo errado mas sabe nem.

Só que eles sabem que eu preciso estudar e não me deixam ficar só trabalhando.

Eles tem carro, tem carteira sabe ir em Poços de Caldas então eu acho que pro pouco de estudo que eles tem, são muito inteligentes. O conhedimento da gente é um monte de coisa que a gente sabe, e que ninguém ensinou na escola e vai somando com o que a gente aprende na escola nem.

Agora eles vão aprender informática aqui na fazenda, e vão aprender sim porque são inteligentes e eu amo eles e vou ajudar eles.

Fonte: CD de atividades. Acervo Fazenda Pedro Roza de Informática.

A primeira aluna que acomodou alguns pedacinhos de tecido na colcha, na primeira atividade da Colcha de Retalhos, traz o conhecimento popular, na forma do contador de causo, que segundo a aluna, é diferente do contador de História:

“Contador de história, conta histórias de lugar afastado, de outras bandas, das pessoas muito importantes, ou história que tem em livro e que já são de alguma pessoa, e tem outros que contam. Já um contador de causo, igual a vó, conta história que aconteceram ali pertinho, não inventam, aumentam um pouco aqui, um pouco dali, mais a gente até sabe no fundo quem são esses personagens tudo sabe! Alguns já morreram, outros já se mudaram daqui, outros fingem que não são eles.. mas tudo aconteceu! Troca os nomes pra não achar ruim nem.”²⁵

A aluna valoriza esse conhecimento popular, o conhecimento da avó, na forma da tradição oral, onde destacamos a memória, responsável pelas relações e fonte de conhecimento. É interessante a forma como a aluna faz uma comparação entre esse conhecimento e o obtido na escola, falando da distância e proximidade dos fatos e dos personagens. É perceptível que os causos da avó estão muito vivos na memória e ela faz uma distinção entre contador de História e contador de causo, distinção que não encontramos nos dicionários e na literatura: De acordo com o dicionário Houaiss da língua portuguesa, *causo* quer dizer: o que aconteceu, acontecido, caso ocorrido. Narração geralmente falada, relativamente curta, que trata de um acontecimento real, caso, história, conto. Sua etimologia provém do cruzamento de caso e causa; é um dialeto brasileiro. O dicionário Aurélio conceitua assim “causo” como uma variação popular de caso; conto, história, caso. Portanto não se distingue caso e história.

²⁵ Descrição feita pela aluna da fazenda, diferenciando “Contador de Causo” do “Contador de História”, segundo sua avó, que se considera uma contadora de causos. Essa diferença vem sendo contada oralmente de geração em geração nessa família. Sua vó Lucia, (nome fictício) tem 91 anos e aprendeu a ser uma contadora de causo com seu avô desde 1934.

Ao dizer “...quando *eu crescer eu vou dar aulas*” demonstra que faz uma projeção de futuro, ou seja, há uma mudança em torno tanto do imaginário de rural, agora ressignificado, onde o que era bucólico, atrasado, agora é duradouro, é sonho, esperança, é dar continuidade ao conhecimento existente, que tem lugar de destaque, é questão de orgulho e projeção de futuro. Quanto de futuro dado pela escola, pela profissão indicada por esta. Os sentidos são outros.

A segunda aluna comenta sobre o conhecimento adquirido no interior do ônibus, nos diálogos com um colega, nas idas e vindas da roça para a cidade. Comenta sobre o fato de na fazenda se possuir um pangaré e não um cavalo de raça, pois o primeiro tem a força para a lida, e sua alimentação é acessível no campo, enquanto um cavalo de raça não se destina a esse fim e o custo com alimentação também é bastante elevado.

Note-se que essa é uma explicação diferente daquela do homem do campo que possui um pangaré, que está estereotipada como homem atrasado, pobre e que só tem condição de ter um pangaré, e isso não seria mais uma consequência e sim uma sábia escolha, afinal de contas um cavalo de raça não atenderia suas necessidades como trabalho, e de custo menos elevado com os alimentos. Enfim, entra em cena um discurso técnico e objetivo, que leva em considerações vantagens que valorizam as escolhas, uma ressignificação dos sentidos, onde ter um cavalo inferior não significa uma ausência de qualidades, ou uma perda para o homem do campo, mas é algo estratégico, planejado. Uma decisão inteligente.

A terceira aluna fala das qualidades culinárias de sua tia, que possui um restaurante, e sabe fazer um “*pudding engana marido*” como nenhum outro igual. É curioso como a aluna comenta que “*quer ser atriz, e quando crescer, ficar famosa e parar de ser atriz*”, ao que tudo indica, uma aposentadoria. Pretende fazer igual a sua tia, voltar para a fazenda para fazer bolos. Hoje, ela está na fazenda, querendo sair da fazenda, depois pretende se aposentar e voltar para a Fazenda, igual sua Tia. São os caminhos dos imaginários se (dê)s encontrando.

É importante destacar aqui, que artistas globais como Xuxa, Angélica, Vanessa Camargo visitaram a fazenda, pousaram para fotos com as crianças na Escola de Informática, e esse contexto específico da fazenda faz com que essa

aluna tenha se identificado com esse imaginário de urbano, televisivo. Porém quando diz que quer ser boleira igual à tia e voltar para a fazenda, volta o imaginário de rural, com o ideal de sossego, tranquilidade e descanso mediante a aposentaria. Aposentaria é uma consequência temporal, uma preocupação futura, demonstrando que a aluna pensa no futuro distante, faz planos.

O quarto aluno fala do conhecimento do seu pai que trabalha na fazenda, é criador suíno, técnico. Mas o aluno tem consciência que o veterinário também tem seus conhecimentos. E o aluno vislumbra fazer um curso de veterinária para somar seus conhecimentos adquiridos pela via do exemplo, do convívio, da imitação, com seu pai, aos conhecimentos que ele sabe que fazem parte do currículo do curso, tornando-se assim um profissional completo e diferenciado no mercado de trabalho.

O aluno demonstra aqui a valorização de uma “memória que se acumula” (De Certeau), que não descarta. Valorização do saber que não se perde, mas passa de geração para geração e se modifica, fundindo-se a outros.

O quinto e último aluno ao acomodar seu retalho, fala do conhecimento dos pais, demonstra grande respeito ao conhecimento que possuem apesar da pouca escolaridade, reconhecendo o esforço e inteligência deles. Destaca a consciência deles em respeitar os seus estudos e deixá-lo conciliar com o trabalho. É uma criança que escreve bem apesar de possuir pais semianalfabetos. Respeita-os nos seus limites de acordo com a instrução a que tiveram acesso e sabe da importância em obter o conhecimento na escola somado aos conhecimentos de fora dela.

A criança, ao mesmo tempo, é sujeito influente, constituído e constituidor desse ambiente não escolar, a que pertence. Notamos ali alunos e pais autores do conhecimento e das histórias em que esse ambiente não escolar é significado.

Cada criança trouxe um conhecimento variado, trazendo à tona suas identidades múltiplas, ou o que emerge nessa troca, nesse relacionamento aberto, livre, isto é, em que os sentidos podem aparecer sem constrangimentos, que ocorre durante as atividades.

Esses sujeitos que aí falam e se encontram manifestam experiências diversas, variadas expectativas, suas particularidades, o que enriquece e justifica as próprias atividades propostas, demonstrando a riqueza e relevância desse estudo, que é todo baseado na escuta dos saberes, na observância do conhecimento prévio do aluno, e em considerações de aonde isso pode nos levar.

A maioria dos pais dos alunos que frequentam a escola de informática são semianalfabetos, trabalham o dia todo e levam seus filhos para a colheita, por isso as aulas tanto na fazenda quanto na cidade, alteram seu calendário em função da colheita do café, respeitando as necessidades das crianças da zona rural. Algumas crianças muito pequenas ficam por conta das maiores, diferente do que ocorre na cidade, onde as crianças não podem ficar sozinhas em casa sem estar na guarda de um adulto. Na Fazenda, uma única adolescente toma conta de todas as crianças da colônia no período da colheita, afinal, todas as mulheres, maridos e filhos maiores vão para o cafezal, terreiro ou secador de café.

A escola respeita esse período, alterando seu calendário, horário de aulas em função da colheita. São particularidades que a própria LDB, Lei de Diretrizes e Bases da Educação, garante atualmente às famílias rurais, para preservar o eixo de flexibilidade e permitir inúmeras possibilidades de organização de ensino, conforme está disposto no art. 23:

A educação básica poderá organizar-se em séries anuais, períodos semestrais, ciclos, alternância regular de estudos, grupos não seriados, com base na idade, na competência e em outros critérios, ou por forma diversa de organização, sempre que o interesse do processo de aprendizagem assim o recomendar, (LDB, 2010:20).

Feita essa descrição/interpretação das situações de linguagem que ocorreram durante as atividades propostas por mim como professora, cabe dizer que acredito na importância da releitura, no sentido discursivo do termo, não só da flexibilidade, e da organização do ensino, mas também as rotinas como um todo, em salas de aula, a escolha dos trabalhos, a maneira de condução de

pesquisa, e o retorno dessas atividades, sejam na geografia, na história, na matemática, no português, nas ciências como um todo, e, neste caso específico, como tratamos, no ensino de informática, de novas tecnologias, que pode ser feito respeitando a criança em ambiente rural, como em qualquer outro, com suas particularidades tanto no espaço escolar quanto não escolar, que um possa servir de auxílio, extensão e adição ao outro, fazendo da sala de aula um local de cultura, de aprendizagem significativa e prazerosa, onde alunos, professores, pais e comunidade possam melhor viver em sociedade, construir valores e projetos pessoais levando em observação todas as vozes que ecoam na prática pedagógica que aí se instaura.

Os alunos se identificam com sentidos diferentes de rural, porém como podemos citar ORLANDI (2002,36) “em todo o seu dizer há algo que se mantém, isto é o dizível, a memória”. E ainda, pudemos observar que as palavras apesar de serem as mesmas instauram efeitos de sentidos outros, é necessário um olhar atento do professor, uma “escuta” diferenciada, que se torna imprescindível pelo viés da Análise de Discurso, onde professor/pesquisador e aluno se constituem em sujeitos aprendizes, *e por esse campo de conhecimento podemos compreender melhor aquilo que faz do homem um ser especial com capacidade de significar e significar-se (Orlandi, 2001 p.15).*

Considerações Finais

Buscamos mostrar inicialmente a articulação entre o ensino e a pesquisa, o sujeito e a linguagem, segundo uma compreensão de o professor ao desenvolver seu material didático, precisa estar atento a detalhes que vão além dos currículos e do planejamento, que exigem flexibilidade e uma atenção especial aos sentidos que indicam como os alunos se representam, quais as imagens que eles fazem de si, do professor, do objeto do conhecimento e do real social que o envolve.

A escola de informática da Fazenda Sertãozinho possui uma especificidade, de ser uma escola rural de informática, cuja função é a inclusão digital, por meio de aplicativos, jogos atividades que reforcem o conteúdo escolar. O processo de ensino que se dá através dessas atividades fez entrarem em cena sentidos de rural e de urbano, e também de um rural e outro rural, na medida mesma em que as atividades de ensino-aprendizagem de tecnologias digitais eram praticadas, nesse contexto.

O conhecimento do contexto específico dos alunos, no caso, de uma fazenda, que é diferente de um sítio e de um bairro ou uma cidade, e a consideração dos sentidos prévios ou da memória discursiva que forma os saberes dos alunos, contribuem para um ensino-aprendizagem que se efetiva com a aquisição das técnicas e formação intelectual sobre os temas a elas enlaçados, nas aulas.

Esse conhecimento e essa consideração, por parte do professor, faz também com que o ensino-aprendizagem possa ocorrer de maneira prazerosa e menos marcado por gestos disciplinares que levam a inculcar saberes, mais o que propiciar que os alunos se inscrevam neles de modo polissêmico e múltiplo. Em um contexto de ensino com história de autoritarismos, como o da sociedade brasileira, esses resultados não são de pouco valor.

O professor ao desenvolver as atividades, trabalha também os conteúdos que envolvem a escrita e oralidade, e sendo assim o ensino dos processos e dispositivos dessas tecnologias não estão desvinculados da atenção do sujeito professor para com os sentidos que vão aparecendo nesse processo, a sua

relação com a ideologia e com os processos sócio-históricos incluindo as condições do espaço social em que estes específicos sujeitos se inserem, em uma fazenda.

Retomamos a pergunta inicial: como a tensão rural/urbano está presente na específica escola – a Escola de Informática da Fazenda Sertãozinho – e como ela pode ser levada em consideração pelo professor, por meio de atividades desenvolvidas a partir da observação das condições de produção rural, que identifiquem reafirmem e valorizem o conhecimento prévio do aluno?

Feitas as atividades e as análises sobre elas e sobre o processo de ensino, notamos que os recursos tecnológicos estão longe de poder substituir o papel do professor, como se teme nos contextos educacionais. Eles podem modificar o seu papel, tornando-o gerenciador do processo de aprendizagem (ABREU, 2014), por meio de uma aprendizagem mediada pelo computador. Entretanto, os gestos de interpretação do sujeito professor no seio dessa prática de ensino nos parece mostrar-se ainda importante.

O professor pode e deve manter a busca em instigar sujeitos a se deslocarem por diferentes pontos de vista, se colocando na posição de aprendiz do outro que reconhece e busca conhecer através das suas diferenças, ou no caso da confraternização de saberes, através de trocas e vivências no encontro com o outro. E a tecnologia contribui para esse processo.

Parafraseando Orlandi (2002), sabemos que, aquilo que não fizer sentido para a criança, não se constituirá e não se representará significativamente para ela, enquanto representação simbólica da linguagem.

BIBLIOGRAFIA

ABREU, A.S.C. **Políticas de Autoria. São Carlos, SP: EdUFSCar/FAPESP, 2013. Entremeios: revista de estudos do discurso. v.9, jul/2014.** Disponível em: <http://www.entremeios.inf.br>. Acessado em 29/10/2015.

AUSUBEL, D. P. et al. **Psicologia Educacional.** Rio Janeiro: Ed. Interamericana Ltda., 1980;

AUSUBEL, D. P. **Aquisição e retenção de conhecimentos:** uma perspectiva cognitiva. Lisboa: Plátano, 2003;

ALTHUSSER, L. **Aparelhos Ideológicos do Estado.** Trad. Walter J. Evangelista e Maria L. V. de Castro. 7. ed., Rio de Janeiro: Graal, 1998.

BENVENISTE, E. **Problemas de Linguística Geral II.** Campinas: Pontes, 1989.

BRANDÃO, M.H.H.N. **Introdução à Análise do Discurso.** Campinas: Ed. UNICAMP, 1991.

COURTINE, J-J. **Quelques problèmes théoriques et méthodologiques en analyse du discours, à propos du discours communiste adressé aux chrétiens.** In: **Langages**, 15e année, n°62, 1981. Analyse du discours politique [Le discours communiste adressé aux chrétiens] pp. 9-128.

DIAS, Cristiane. **A escrita como tecnologia da Linguagem Vol.II Dez/2009.** Disponível:http://w3.ufsm.br/hipersaberes/volumell/textos_pdf/TXTS_PDF/cristiane_dias.pdf acessado em 01/10/2015.

DIAS, Cristiane. **O ensino, a Leitura e a Escrita: Sobre conectividade e mobilidade.** Entremeios: revista de estudos do discurso. v.9, jul/2014. Disponível em: <http://www.entremeios.inf.br>. Acessado em: 18/10/2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 9. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1981.

GUIMARÃES, Maria Flora. “**O conto popular**” in: CHIAPPINI, Lígia. Gêneros do discurso na escola: mito, conto, cordel, discurso político, divulgação científica. São Paulo: Cortez, 2000.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Banco Multidimensional de estatística. Disponível em: <http://www.bme.ibge.gov.br> Acessado em: 18/11/2014.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. SIDRA – Sistema IBGE de Recuperação Automática. Disponível em: <http://www.sidra.ibge.gov.br> Acessado em: 18/11/2014.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Séries Estatísticas & Séries Históricas Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/seriesestatisticas/exibedados.php?idnivel=BR&idserie=FE D101> Acessado em: 18/04/2014.

INDURSKY, F. **A Prática Discursiva da Leitura**. In: Orlandi, E. P. (Org.). *A Leitura e os Leitores*. Campinas: Pontes, 1998. p. 189-200.

LAJOLO, Marisa. **Monteiro Lobato; Um Brasileiro sob Medida**. São Paulo: Moderna, 2000.

LDB, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. 5. ed. – Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação Edições Câmara, 2010. 60 p.

LEVY, Pierre. **Cibercultura**, São Paulo: editora 34, 1999.

LEVY, P. **As tecnologias da inteligência**. O futuro do pensamento na era da informática. Trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo: ed. 34, 1993.

MACHADO, O.M, ROSSI,E.R, NEVES, F.M. **O Discurso Educacional e o Almanaque Do Biotônico Fontoura: Por Entre Práticas de Leitura e a Produção de Uma Representação Do Sertanejo (1920-1950)**. Revista HISTEDBR On-line, Campinas, n.45, p. 78-88, mar2012 - ISSN: 1676-2584. Disponível em: <http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/edicoes/45/art0645.pdf>.

Acessado em 13/102014.

MARQUEZAN, REINOLDO. **A Constituição do Corpus de Pesquisa**. Revista "Educação Especial" v. 22, n. 33, p. 97-110, jan./abr. 2009, Santa Maria Disponível em: <http://www.ufsm.br/revistaeducacaoespecial>. Acessado em 12/05/2015.

MERCADO L. P. L. **Formação Contínua de Professores e Novas Tecnologias**, Maceió: Edufal, 1999.

Michaelis - Dicionário on-line Michaelis. Disponível em:

<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues>. Acesso em 08/12/2011.

MONTEIRO LOBATO, José Bento. **Urupês: Velha Praga**. 16. ed. São Paulo: Brasiliense, 1971, p. 139 a 144.

MONTEIRO LOBATO, José Bento. **Urupês: Urupês. Praga**. 16. ed. São Paulo: Brasiliense, 1971, p. 145 a 155.

MONTEIRO LOBATO, José Bento. Urupês. Disponível em:

<<http://www.projetomemoria.art.br/MonteiroLobato/bibliografialobatiana/contos>>

Acesso em: 08/12/2011.

MORAN, J.M. Ensino e Aprendizagem inovadores com tecnologias. **Revista Informática na Educação: Teoria & Prática**. Porto Alegre, UFRGS,2000. pág. 137-144.

MOREIRA, Marco Antônio. **A teoria da aprendizagem significativa e sua implementação em sala de aula**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2006;

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **A Linguagem e seu Funcionamento. As formas do discurso**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

ORLANDI, Eni Pulcinelli; Guimarães, Eduardo; Tarallo, Fernando. **Vozes e Contrastes: discurso na cidade e no campo**. São Paulo: Cortez, 1989.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Terra a Vista: discurso do confronto**. Velho e novo mundo. *Campinas*, SP: Cortez, 1990.

_____. **Interpretação: autoria leitura e efeitos do trabalho simbólico**. Vozes, 1996.

_____. **Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos**. Pontes, 2001.

_____. **Língua e conhecimento linguístico: para uma história das ideias no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas, São Paulo: Pontes, 2009.

_____. **Discurso e leitura**. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

_____. **População urbana e seus modos de vida.** In: MORELLO, Rosângela. *Giros na Cidade: materialidade do espaço.* (Org.). Campinas, SP: LABEURB/NUDECRI-UNICAMP, 2004a.

PAYER, M. O. **Memória da Língua: imigração e nacionalidade.** São Paulo: Esculta, 2006. p.151 191.

_____. **Retrospecção e Estereotipia. Imagens Urbanas sobre o Campo.** Revista *Rua*, Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade da Unicamp, no. 2, 1996 p. 83-102.

_____. **O Rural no Espaço Público Urbano.** In *Cidade Atravessada: os sentidos públicos no espaço urbano.* E. Orlandi (org.). Ed. Pontes, 2001.

_____. **Desfocando imagens urbanas sobre o campo na enunciação em enciclopédia.** In: Para uma enciclopédia da cidade. Campinas, SP: Pontes, Labeurb/Unicamp, 2003.

PÊCHEUX, M. **Ler o Arquivo Hoje.** In *Gestos de leitura* (E. Orlandi et. all. Orgs.) Campinas, Editora da Unicamp. 1994.

PÊCHÊUX, Michel. Tradução ORLANDI, Eni Puccinelli. **O discurso: estrutura ou acontecimento.** 2ª edição. Campinas SP: Pontes, 1997.

PFEIFFER C.R.C. **“Cidade e Sujeito escolarizado”.** In: **Por uma análise automática do discurso”.** In: E. Orlnadi (Org). *Cidade atravessada: os sentidos públicos no espaço urbano.* Campina: Pontes, 2001.

SANTOS, Maciel Francisco Dos; DA SILVA, Telma Domingues. ***Sujeito histórico e amor eterno: a significação da figura materna em músicas sertanejas.*** RUA [online]. 2013, no. 19. Volume 2 - ISSN 1413-2109. Consultada no Portal Labeurb – Revista do Laboratório de Estudos Urbanos do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade <http://www.labeurb.unicamp.br/rua/>

SANTOS, Maciel Francisco Dos; DA SILVA, Telma Domingues. ***A moral religiosa em músicas sertanejas: sentidos do bem e do mal. Dissertação de mestrado. PPGCL/Univas.*** 2015.

http://m.univas.edu.br/Repos_Biblioteca/000000000000000000067.pdf

SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. ***A criança na fase inicial da escrita. A alfabetização como processo discursivo.*** São Paulo: Cortez. 1993.

VALENTE, José Armando. O uso inteligente do computador na educação. ***Revista Pátio***, v. 1, p. 19-21, 1997.

WILLIAMS, Raymond. ***O campo e a cidade: na História e na Literatura.*** Tradução: Paulo Henrique Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.